

Caderno de Resumos

da 3.^a Jornada Acadêmica do
Serviço de Educação do
Museu da Vida Fiocruz

Foto: Vítor Vogel



**3^a JORNADA
ACADÊMICA**
Serviço de Educação
Museu da Vida Fiocruz

Caderno de Resumos da 3.^a Jornada Acadêmica do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz

Rio de Janeiro - 2025



CRÉDITOS

Fundação Oswaldo Cruz

Presidente

Mario Moreira

Casa de Oswaldo Cruz

Diretor

Marcos José Pinheiro

Vice-Direção de Pesquisa, Educação e

Divulgação Científica

Magali Romero Sá

Museu da Vida Fiocruz

Chefe: Ana Carolina Gonzalez

Serviço de Educação

Coordenador Alessandro Machado Franco Batista

Núcleo de Desenvolvimento de Público

Denyse Amorim

Seção das Ações Educativas para o Público

Bianca Reis

Seção de Formação

Carla Gruzman

Comissão Organizadora

Luciana Sales

Ozias de Jesus Soares

Waldir Ribeiro

Tereza Amorim

Carla Gruzman

Bianca Reis

Orientadores

Ana Aparecida Costadella

André Bordalo

André da Cruz Oliveira

Carmen Evelyn Mourão Rodrigues

Daniel Bruno Nogueira

Emmanuelle Costa

Kailani Tavares Guimarães

Luciana Sales

Luís Carlos Victorino de Oliveira

Maria Paula de Oliveira Bonatto

Pablo Ribeiro de Aguiar

Renata de Oliveira Rodrigues

Suzi Santos de Aguiar

Projeto Gráfico

Caio Baldi

Revisão

Priscila Morandi

Roteiro de Audiodescrição

Luciana Sales

Consultoria de Acessibilidade

Felipe Monteiro

Agradecimentos

Equipe do Serviço de Educação

Equipe do Serviço de Apoio a

Operação, Infraestrutura

e Gestão / Sagim

Ficha catalográfica

Biblioteca de Educação e Divulgação

Científica Iloni Seibel / Museu da Vida Fiocruz

J822 Jornada Acadêmica do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz (3. : 2024 : Rio de Janeiro, RJ).

2024 Caderno de resumos da III Jornada Acadêmica do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz [recurso eletrônico]. / Organizadores: Luciana Sales, Ozias de Jesus Soares, Waldir Ribeiro, Tereza Amorim, Carla Gruzman, Bianca Reis. -- Rio de Janeiro: Fiocruz – COC, 2025. 1 e-book: il. color.

Caderno de resumos da III Jornada Acadêmica do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz, realizado pelo Setor Educativo do Museu da Vida Fiocruz, em 25 de novembro e 02 de dezembro de 2024.

Modo de acesso: <<https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros>>.

ISBN 978-65-84029-06-4 (e-book)

1. Educação museal. 2. Mediação. 3. Pesquisa. 4. Museus de ciência – Aspectos educacionais. 5. Divulgação científica. 6. Popularização da ciência. I. Sales, Luciana (org.). II. Soares, Ozias de Jesus (org.). III. Ribeiro, Waldir (org.). IV. Amorim, Tereza (org.). V. Gruzman, Carla (org.). VI. Reis, Bianca (org.). VII. Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop). VIII. Programa de Educação e Popularização da Ciência – Acolhimento e Território (Proat). IX. Ações Territorializadas. X. Museu da Vida Fiocruz. Casa de Oswaldo Cruz. XI. Fundação Oswaldo Cruz. XII. Título.

CDD – 069.15

PREFÁCIO

O Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) e o Programa de Educação e Popularização da Ciência – Acolhimento e Território (Proat), do Museu da Vida Fiocruz, têm se consolidado como espaços singulares de formação, oportunizando experiências que ultrapassam o momento pontual de vivência acadêmica. Ambos abrem horizontes profissionais e introduzem os jovens à educação museal como campo em crescente valorização, marcado pelo diálogo entre práticas, reflexões teóricas e produções coletivas de conhecimento. Cada proposta de pesquisa, projeto de atividade ou relato de experiência aqui presente expressa a potência de um processo formativo que mostra que o museu é, também, um lugar de construção de futuros.

Este volume materializa não apenas os trabalhos produzidos por jovens educadores museais em formação, mas também o percurso de descobertas e aprendizagens que, reunidas, dão vida à missão de um museu que se pensa e se reinventa no encontro com seu território.

Os trabalhos reunidos nesta edição refletem a riqueza que habita o Museu da Vida Fiocruz. A pluralidade de temas, linguagens e olhares convida-nos a refletir sobre o nosso ser-estar-atuar em nossa Instituição e no nosso território, chamando à responsabilidade de reconhecer a ciência e a cultura como dimensões inseparáveis da vida em sociedade. Nas páginas que seguem, encontramos não apenas reflexões acadêmicas, mas expressões de pertencimento, diálogos intergeracionais e sementes de novos caminhos de pesquisa e ação.

Que estes registros inspirem outros jovens, educadores, pesquisadores e trabalhadores da cultura, da saúde e da ciência a reconhecer no campo da educação museal uma arena fértil de experimentação e inovação, que cresce iluminada pela participação daqueles e daquelas que acreditam em uma ciência acessível, plural, inclusiva, diversa e profundamente enraizada nos contextos em que se realiza.

Desejo que essa leitura fortaleça em você o sentido da palavra esperança.

Ana Carolina de Souza Gonzalez Chefe do Museu da Vida Fiocruz

1. Apresentação	10
2. Texto Palestrante	12
Kailani Tavares Guimarães	
3. Resumos dos trabalhos	20
3.1 Formação de Mediadores no Museu da Vida Fiocruz no desenvolvimento de vídeos acessíveis e inclusivos para pessoas surdas no Instagram	21
Autoria: Alexander Inácio de Abreu Creder, Larissa de Oliveira Farias, Daniel Bruno Nogueira	
3.2 Cavalalibras: oficina de Libras no Museu da Vida da Fiocruz	24
Autoria: Giovanna Gil dos Santos Valim, Larissa de Oliveira Farias, Alexander Inácio de Abreu Creder, Daniel Bruno Nogueira	
3.3 Perspectivas museológicas: o uso de charges na educação museal no Museu da Vida Fiocruz	27
Autoria: Leonardo de Andrade Ribeiro, Josiane do Nascimento Maciel, Nathália Paula da Silva Abreu, Lara de Almeida Duarte, Daiana Domingos da Costa, Suzi Santos de Aguiar, Daniel Bruno Nogueira, Ana Aparecida Costadella	
3.4 A transdisciplinaridade do Sítio Arqueológico da Fiocruz com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas	30
Autoria: Erick Patrick Felix Soares, Yasmim Pereira dos Santos Francisco, Larah Victória dos Santos, Maria Paula de Oliveira Bonatto	
3.5 A decolonialidade e a educação para as relações étnico-raciais na mediação museal do Museu da Vida Fiocruz	35
Autoria: Larah Victória dos Santos, Erick Patrick Félix Soares, Luís Carlos Victorino de Oliveira	
3.6 Praticando Ecologia-UNIRIO: ressignificando a atividade	39

para atuação no Museu da Vida Fiocruz

Autoria: Yasmim Pereira dos Santos Francisco, Thayná de França Paixão, Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas, Robson Costa dos Santos Junior, Karine Leonardo Pinheiro, Tatiana Fabricio Maria, Maria Paula de Oliveira Bonatto

3.7 O ensino de química em espaços museais para crianças autistas 42

Autoria: Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas, Raquel Campos Martins, Yasmim Pereira dos Santos Francisco, Luciana Sales

3.8 Relato de experiência a partir de práticas educacionais voltadas para a arqueologia no espaço museal 45

Autoria: Marcela Milão Luna de Araújo, Luciana Sales

3.9 Micromundo e as vivências no macromundo 48

Autoria: Pedro Henrique Duarte da Silva, Máyra Paula Costa Ludgerio, Maria Paula de Oliveira Bonatto

3.10 Mediação no teatro: uma proposta dialógica para refletir sobre a formação do espectador 52

Autoria: Rodrigo da Silva Carvalho Augusto, Caio Cezar Gonçalves dos Santos, Rita de Kássia dos Santos Dias, Sabrina Neves Madeira Gomes, Kailani Tavares Guimarães, Pablo Ribeiro de Aguiar

3.11 Precarização do trabalho e realidade social do Rio de Janeiro em debate nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz 55

Autoria: Ana Carolina Santos de Jesus, Celso Cândido de Almeida, Renata de Oliveira Rodrigues, André da Cruz Oliveira

3.12 Antropoceno em jogo: reflexões e ações para um futuro sustentável 58

Autoria: Ana Aparecida Costadella, Ana Cecília da Silva Pereira, Carlyne de Freitas de Oliveira, Gabriel Lucas Marins, Thais de Sousa Saraiva, Victória Elisia Vieira Martins, Suzi Santos de Aguiar

3.13 Elaboração de roteiro para mediação no Castelo Mourisco utilizando o cordel: o Castelo da Fiocruz 61

Autoria: Gabriel Evangelista de Souza, Giovana Gil, Suzi Santos de Aguiar

3.14 Rota dos insetos: uma proposta de educação ambiental e científica focada na importância dos insetos – em especial, os polinizadores	64
Autoria: Karina Porto da Luz Chianello, Suzi Santos de Aguiar	
3.15 Proposta de roteiro para visita ao Castelo Mourisco com foco nas transformações urbanas na cidade do Rio de Janeiro e as questões de saúde pública	67
Autoria: Roberta Kelly Alves Avelino Gouvea, Pedro Felipe do Nascimento Silva, João Victor de Oliveira Gonçalves, Gabriela Domingos dos Santos, Suzi Santos de Aguiar, Emmanuelle Costa	
3.16 Proposta de atividade: o continente africano sem estereótipos	71
Autoria: Thayná de França Paixão, Ana Beatriz Lima de Paula, Maria Paula de Oliveira Bonatto	
3.17 Bancada de Pasteur: uma abordagem de acessibilidade para pessoas surdas	76
Autoria: Daniel Teixeira Guimarães, Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas, Paulo Sérgio Andrade, Daniel Bruno Nogueira	
3.18 O desenvolvimento de atividades práticas no Jardins dos Códigos: a união da Antropologia e o sistema de codificação no espaço museal	78
Autoria: Máyla Paula Costa Ludgerio, Pedro Henrique Duarte da Silva, Luciana Sales	
3.19 Jogo da memória: jovens cientistas – inclusão e representatividade nas Itinerâncias educativas das Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz	81
Autoria: Gilmar de Oliveira Machado, Victória Laísa Madeira Ferreira, André da Cruz Oliveira, Renata de Oliveira Rodrigues	
3.20 Introduzindo o vocabulário yorubá no Programa de Produção Cultural do Museu da Vida Fiocruz: falas do cotidiano e herança africana na construção linguística do Brasil	84
Autoria: Jennyffer Vitória da Silva Augusto, Esther Mariana Macedo,	

Ozias Jesus Soares, Carmem Evelyn Mourão Rodrigues

3.21 Explore a Fiocruz: um roteiro de viagem com o trenzinho do Museu da Vida 87

Autoria: Matheus de Oliveira Serpa, Yasmin Iglesias da Silva, Mariane Santos da Costa; André Amaral Bordalo

3.22 As plantas também existem: revertendo a cegueira botânica 89

Autoria: Gabriele Galdino Vidal, Yasmim Pereira dos Santos Francisco, Edmilson Barcellos da Rocha

3.23 Sala de experimentação do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz: uma abordagem na educação em saúde – resultados preliminares da pesquisa 92

Autoria: Raquel Campos Martins, Daniel Teixeira Guimarães, Yolanda Gabriela de S. da Silva, Maria Paula de Oliveira Bonatto, Luís Carlos Victorino de Oliveira

3.24 Programa de Iniciação à Produção Cultural do Museu da Vida Fiocruz: a inserção do jovem em práticas culturais e o debate sobre a localização territorial e memorial 96

Autoria: Esther Mariana Macedo, Jennyffer Vitória da Silva Augusto, Ozias Jesus Soares, Carmen Evelyn Mourão Rodrigues

3.25 Os impactos das operações policiais: o funcionamento do Museu da Vida Fiocruz 99

Autoria: Matheus Batista de Sousa, Gabriel dos Santos Silva Manhães, Isabela Gonçalves da Fonseca, Ingra Daniela dos Santos Maciel

3.26 Castelo Mourisco e contação de histórias: abordando o conceito de patrimônio e ciências através do imaginário infantil no universo da literatura 103

Autoria: Ana Clara Martins Müller Guedes, Maria Alana Alves Rodrigues, Maria Fernanda da Cruz Costa, Suzi Santos de Aguiar

APRESENTAÇÃO

O Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz apresenta mais uma edição de sua Jornada Acadêmica, realizada nos dias 25 de novembro e 2 de dezembro de 2024.

A Jornada é parte da formação de bolsistas de graduação do Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) e do Programa de Educação e Popularização da Ciência – Acolhimento e Território (Proat), ambos coordenados pelo Serviço de Educação. Os bolsistas atuam em atividades de mediação com diferentes públicos, orientados pelos educadores museais profissionais do Museu da Vida Fiocruz. Em nosso cotidiano, entendemos que, independentemente dos vínculos a que estão subordinados os que praticam a educação museal, nossos bolsistas são considerados educadores em formação, dadas as características e os objetivos dos programas mencionados.

O evento busca estimular a reflexão, a produção de conhecimento, a sistematização, o registro e a troca de experiências sobre a educação museal e suas práticas. Também expressa debates propiciados nos encontros semanais dedicados à formação dos bolsistas. Tais processos de formação continuada buscam promover a qualificação e valorização dos participantes.

Em 2024, como parte das comemorações do aniversário de 25 anos do Museu da Vida Fiocruz, foi organizado o Seminário “ConversAções para TransFormar”, que integrou diversas equipes. O Seminário discutiu temas emergentes que precisam ser abordados por instituições comprometidas com o enfrentamento das desigualdades, como museus de ciência.

A realização da Jornada e este Caderno de Resumos são parte do esforço do Museu da Vida Fiocruz para consolidar a educação museal como um campo de atuação profissional, de reflexões teórico-práticas e de produção de conhecimentos. Notamos avanços significativos no sentido de romper com uma tradição que considera a mediação e o atendimento aos públicos como a única (ou preponderante) atividade à qual os educadores museais devem ser ocupar. Entendimentos recentes no campo da educação museal consideram que é preciso conjugar teoria, prática e pesquisa. Atrelado a isto, é preciso considerar a atuação pujante de estagiários e bolsistas nos museus brasileiros

como importante período de formação, antes de ser uma atividade puramente laboral. Isso não significa ignorar as necessárias e urgentes críticas à precarização das relações e condições de trabalho ainda vigentes no campo museal. Antes, queremos enfatizar, aliada às lutas históricas do campo, a importância dos programas de formação de educadores e educadoras museais no Brasil.

Nesta 3.^a Jornada, recebemos 26 trabalhos distribuídos em três modalidades: (1) Propostas de Pesquisas, (2) Propostas de novas Atividades Educativas e (3) Relatos de Experiências na educação museal. Todas as modalidades se referem a práticas e vivências dentro do Museu da Vida Fiocruz. Os trabalhos submetidos foram apresentados sob a forma de comunicação oral.

A modalidade de Propostas de Pesquisa traz ideias ou iniciativas de estudos e investigações. Enfatizamos que as propostas de pesquisas são exercícios de reflexão e de produção em torno da educação museal, sem o intuito de serem, necessariamente, desenvolvidas pelo Serviço de Educação. Tal condição, entretanto, não desmerece o fato do exercício em si. De modo semelhante, os trabalhos inscritos na modalidade Propostas de novas Atividades Educativas trazem criações concebidas pelos bolsistas de graduação, sem a necessária incumbência de torná-las exequíveis. Todavia, incentivamos os estudantes a tomarem o evento e suas produções como plataformas para futuras inserções em programas de pós-graduação ou mesmo em seus trabalhos de conclusão de curso na graduação.

Os trabalhos inscritos na modalidade Relatos de Experiências representam a sistematização e divulgação de ações, projetos e práticas de mediação por parte dos bolsistas de graduação dos Programas Propop e Proat.

Na edição de 2024, procurando enfatizar produções acadêmicas de profissionais pertencentes ao Museu da Vida Fiocruz, convidamos Kailani Tavares Guimarães, mestra egressa do Programa de Pós-graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz, a participar da abertura do evento. Kailani preferiu a palestra “Caminhos e reflexões sobre a linguagem teatral no contexto da divulgação científica”, título homônimo de seu texto aqui nesta publicação.

Em síntese, esta publicação consolida um trabalho de toda equipe de educadores museais do Serviço de Educação do Museu da Vida e dos nossos educadores em formação. Que venham novos eventos e publicações! Uma boa leitura!

Caminhos e reflexões sobre a linguagem teatral no contexto da divulgação científica

Kailani Tavares Guimarães¹

Quando fui convidada a falar sobre a minha pesquisa e atuação em arte no campo da divulgação científica, me senti honrada em poder compartilhar sobre o caminho que construí até aqui, sobretudo porque considerável parte da minha trajetória profissional é forjada dentro deste espaço, o Museu da Vida Fiocruz. Trabalho com teatro no contexto da divulgação científica desde 2017, quando entrei como bolsista de artes cênicas no projeto Ciência em Cena. A carga horária de um bolsista de teatro no Museu da Vida Fiocruz é cumprida majoritariamente com a atuação nas peças de teatro que o museu oferece ao público durante seu horário de visitação, compreendendo temporadas de duas sessões por dia, três vezes na semana e um sábado por mês. No contexto teatral, cumprir temporadas longas e de forma ininterrupta costuma ser difícil. A realidade do artista de teatro brasileiro é não ter tantas oportunidades de vivenciar essa experiência devido à precarização do trabalhador da cultura, à falta de fomentos etc. O Museu da Vida Fiocruz oferece uma oportunidade singular aos atores em formação, que podem vivenciar o que muitas vezes o meio teatral não consegue proporcionar. Foi diante dessa experiência intensa como bolsista que emergiram as minhas primeiras perguntas de pesquisa do mestrado. Depois de formada, retornei em 2019 como artista contratada para o desenvolvimento e atuação da peça Paracelso, o fenomenal, além de realizar outros trabalhos artísticos no espaço. Atualmente, integro a equipe de educadores do museu sendo responsável pelas atividades teatrais junto ao Pablo Aguilar.

Ainda como bolsista é que conheço um pouco mais da história do Ciência em Cena e das peças realizadas ao longo dos anos e noto que o humor é uma característica marcante. Vale ressaltar que o Ciência em Cena é um projeto que surgiu antes mesmo da inauguração física do Museu da Vida.

Desde a abertura oficial do museu, em 1999, já foram montadas cerca de 30 peças, esquetes e cenas curtas. Ao me deparar com esse terreno fértil de produção

¹ Mestra no Programa de Pós-graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz; teórica e artista de Teatro. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz. Palestrante na 3.ª Jornada Acadêmica do Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz – 2024.

teatral, finalizo o meu ciclo como bolsista com o desejo de pesquisar mais profundamente as relações entre a recorrência do uso do humor nas peças, a ciência, o público e o museu. Deu-se, assim, a minha entrada no Programa de Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde, da Casa de Oswaldo Cruz. Acho pertinente ressaltar esse percurso, porque, ao entrar como bolsista, eu jamais imaginaria que essa experiência poderia me gerar tantas oportunidades de trabalho. Sendo este texto direcionado aos bolsistas Propop, que ele possa trazer, também, essa perspectiva de crescimento profissional e de que a prática e a observação podem suscitar inúmeras questões de pesquisa.

Tendo exposto um pouco quem eu sou e o caminho que trilhei, pretendo, a seguir, aprofundar nas reflexões derivadas da minha atuação nos campos da prática e da teoria. A ideia é que, a partir do campo teatral, possamos lançar um olhar para o papel do educador museal e a experiência do público visitante como um encontro genuíno, afetivo e transformador – para todes.

No mestrado dei enfoque à investigação acerca da peça Paracelso, o fenomenal, que compõe o repertório de peças do Museu da Vida Fiocruz. A peça estreou em 2019 e cumpre temporadas no museu desde então. De modo resumido, trata-se de dois palhaços, Paracelso e Ununúltima, um tanto quanto charlatões, que apresentam experimentos científicos ao público. Os personagens provocam o público a todo momento a participar, criam uma atmosfera de sucessivos acontecimentos cômicos, incluem as pessoas na participação dos experimentos, direcionam a todo o momento sua fala para a plateia ou mantêm um corpo amplificado como se estivessem no meio de uma multidão. A conexão e participação do público é construída durante toda a peça por meio de recursos de humor. Através de uma gama de ferramentas metodológicas, entre elas, entrevistas, análises iconográfica e dramatúrgica, correlação entre os campos da comicidade e da divulgação científica, além de um posterior estudo de recepção, pude elucubrar a potencialidade da presença do humor na comunicação com o público do museu. Ao analisarmos a construção do humor na peça, compreendemos que a sua presença tem o potencial na geração de noções como as de pertencimento e de identidade. A seguir apresentarei algumas das reflexões desenvolvidas durante o mestrado e também posteriormente.

A palavra conexão tem sido uma palavra-chave dentro da minha pesquisa e

atuação no campo. Ao investigar a linguagem do humor atrelada ao Museu da Vida Fiocruz, compreendo que, para além de provocar o riso, sua presença busca gerar conexões com o público. E como podemos avaliar a qualidade de uma conexão? De que modo podemos nos conectar verdadeiramente com as pessoas e deixar que elas se conectem com a gente? E por que considero a conexão uma qualidade tão importante em museu? Não tenho a pretensão de apresentar respostas, mas de apontar caminhos. Em entrevista, o palhaço Márcio Libar nos dá uma dica. Ele diz:

Eu acho que a graça se dá na conexão quando dois seres humanos, pelo menos, conseguem se olhar desprovidos de qualquer preconceito, com olhar puro de amor e aceitação. E, quando esse olhar atravessa um o do outro, invariavelmente, há um sorriso. Esse sorriso é a graça. A graça é quando dois "eus", especialmente únicos e inteiros, se conectam. E, nesse momento, o outro deixa de existir, e nesse momento há um encontro "de eus" [...] quando eu vou em cena hoje, eu não vou mais para fazer rir. Eu vou pra produzir graça, eu vou pra produzir encanto, eu vou pra produzir magia, eu vou pra produzir encantamento. (Libar, 2015).

O depoimento de Márcio Libar nos chama a atenção para aspectos pertencentes às práticas cômicas e que estão ancoradas na presença física, na qualidade do estar presente naquele instante de modo verdadeiro e disponível. A seguir, comento alguns dos princípios cômicos que são acionados na peça Paracelso, o fenomenal e busco relacioná-los com a prática da mediação.

A peça Paracelso, o fenomenal se filia ao território popular, ou seja, manifestações populares seculares que perpassam a rua e o circo. Essas referências não só constituem o imaginário do trabalho, mas também influenciam uma determinada abordagem dos atores com o público. Portanto, ao escolher essa linhagem, a peça se posiciona em um território de tradição cômica. Por tradição cômica, compreende-se um sistema de técnicas transmitidas pelo tempo, principalmente por meio oralidade. Os artistas cômicos testavam suas técnicas diretamente com o público e como uma seleção natural darwiniana: o que funcionava com o público era passado adiante para as futuras gerações. Assim, a tradição da palhaçaria se fundamenta, bem como outras tradições populares. A escolha por trabalhar formas cômicas seculares provindas da cultura popular na peça Paracelso, o fenomenal sugere ao riso o seu lugar sobre o que

é mais comum, sobre o que nos faz rir há tempos como sociedade. É um riso popular aterrissando sob o imaginário da ciência. É um tapa que um personagem leva do outro “sem querer”, é uma disputa entre os dois palhaços, uma calçola que voa por cima da carroça, entre outros artifícios. Ao investigarmos mais a fundo, vemos que essa escolha por um território cômico popular tem o potencial de engendrar no público noções como as de identidade, de pertencimento e de estímulo à curiosidade em relação à ciência (Guimarães; Almeida, 2025).

Abordando de maneira mais concreta os recursos que nutrem essas perspectivas cômicas, temos: o erro. O erro é um recurso cômico potente capaz de arejar os imaginários sobre o cientista e a ciência. Ao ver um personagem cientista errar ou expressar uma inadequação, este gesto aproxima o público, ou seja, o erro revela a dimensão humana e imperfeita comum a todos nós, inclusive à ciência. O investimento em uma forma atrapalhada e ridícula dos personagens desenha contornos que atrelam à ciência e ao cientista um caráter permeável ao erro. Portanto, um caminho reflexivo se apresenta na consideração da produção cômica do erro como possibilidade de restituição da ciência à sua dimensão humana. Esse aspecto pode ser relevante para pensarmos tanto na nossa atuação como mediadores quanto na construção dos roteiros e discursos de mediação. Seríamos nós os detentores de uma suposta verdade? Afinal, a ciência não é uma construção que pressupõe tentativas e erros? Ao sermos comunicadores da ciência, como podemos nos utilizar da noção do erro a favor da comunicação da ciência e da aproximação do público com a gente e com o espaço?

A noção de participação é um aspecto inerente ao universo cômico e é também caro à divulgação científica, principalmente no que tange ao modelo de engajamento público, que tem pensado em estratégias para elaborecer uma comunicação mais participativa e democrática pensando o público e as suas vivências como protagonistas. Na peça Paracelso, o fenomenal, a construção é ancorada na constituição de um ambiente que não só estimula a participação do público, mas também depende dela para ocorrer. Para além disso, a participação do público por meio da comicidade revela intenções como a de gerar um ambiente democrático e popular, e que essa motivação também está relacionada ao Museu da Vida e à divulgação científica. Colocando esse tema em diálogo com o campo da divulgação científica, trazemos Wagensberg (2005), em seu texto “O museu total, uma ferramenta para a mudança social”. O autor dilata as

noções de interatividade e reflete sobre a função dos museus de ciência na contemporaneidade. Para Wagensberg, a função de um museu deve ser a de provocar o estímulo. O museu deve proporcionar ao visitante um espaço instigante, no qual a pessoa saia com mais perguntas do que quando entrou. Ao afirmar que o museu é um espaço de transformação individual e social, Wagensberg manifesta a necessidade de uma nova museografia que integre aos objetos uma tríade interativa. Este conjunto de interações é dividido em três conceitos: hands-on, minds-on e hearts-on. Em termos gerais, minds-on corresponde a interações que instigam o exercício mental, enquanto hearts-on investe nas emoções e na busca por uma conexão cultural entre o objeto museal e o visitante. Para Wagensberg, a integração desses elementos deve acionar uma certa qualidade nos objetos; em outras palavras, sua capacidade de contar histórias, de se comunicar entre si e com o público. Portanto, para o autor, urge que um museu de ciência articule seus objetos de forma contextual, pulsante e mutável.

É nessa articulação que a peça *Paracelso*, o fenomenal se constrói. A participação ativa é estimulada de diversas formas ao longo da peça, verbal e fisicamente, incluindo idas dos personagens à plateia e idas dos espectadores ao palco. Verificamos que um alto nível de interatividade é de fato alcançado, que o público valoriza essa participação e se sente realmente fazendo parte do espetáculo (Guimarães; Almeida, 2025).

Nesses encontros entre palco e plateia, constrói-se, portanto, além de uma interação efetiva, uma troca afetiva entre atores e espectadores, que resulta não apenas na cumplicidade já discutida com os personagens, mas também em uma forte empatia com os atores. Isso se reflete nas perguntas que os espectadores fazem sobre a vida pessoal dos atores e nos diversos pedidos para tirar foto junto com eles. Acreditamos que essa forma de interação pode contribuir para o desenvolvimento de segurança e autoestima voltados tanto para a ciência quanto para o teatro. Portanto, a participação é uma noção que deve ser construída e pensada de forma responsável e com base em referências que apoiem a qualidade dessa participação.

Portanto, se falamos em estímulo à participação e integração do público como aspecto basilar da peça, pressupomos que a constituição desse espaço inevitavelmente abarcará um fator inesperado. Por sua vez, propiciar a participação ativa do público implica que o ator tenha um estado de presença para jogar e propor a partir de situações imprevisíveis, e isso nos leva ao próximo aspecto.

Outro aspecto da palhaçaria que merece ser comentado é o que podemos chamar de estado de presença, que o palhaço Puccetti (1998) chamará de “o estado de clown”. Por estado de clown, compreendemos um estado de presença que se traduz em um corpo disponível para responder e propor sobre aquilo que não pode ser previsto antecipadamente, o inesperado. Esse aspecto é fundamental para o êxito da relação cômica com o público. A instauração desse estado no ator dimensiona uma relação única com o público. A porosidade desse arranjo na peça propicia um espaço onde o público compreende que pode manifestar suas emoções, pensamentos e opiniões. Já sob o ponto de vista da mediação, aprimorar a capacidade de presença pode ser muito interessante. A noção desse estado pode ser extrapolada e pensada na relação entre mediador e público. Esse é um treinamento que pode ser testado a cada visita. Você olha verdadeiramente quem está ali com você? Você pergunta como a pessoa está e escuta verdadeiramente a resposta? O que importa para você em uma mediação? Observar o público de forma sensível é um treinamento que pode ser investigado. Para isso, devemos convencionar, aqui e agora, que um museu é um local de encontro, é um lugar de convivência. Wagensberg nos traz uma perspectiva interessante. Para ele, aquelas três categorias que citei devem agir de forma mútua para a construção de objetos que “contam histórias, que se comunicam entre si e com os visitantes. São objetos com eventos associados, objetos vivos, objetos que mudam” (Wagensberg, 2005, p. 4). Portanto, podemos observar como campos aparentemente tão distintos podem compartilhar desejos similares.

Cabe ressaltar que o nosso público é majoritariamente de crianças e jovens de escola pública das zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro, sendo o Museu da Vida Fiocruz um dos únicos e mais expressivos aparelhos de cultura da Zona Norte. Portanto, se queremos um museu onde as pessoas se sintam protagonistas, onde elas possam viver experiências, precisamos exercitar a nossa musculatura sensível. Além de artista, também realizo mediações dentro do espaço Ciência em Cena; geralmente elas consistem em um acolhimento do público para a peça e uma conversa inicial antes de o espetáculo começar. Nesse momento, eu busco conversar com as pessoas, conhecê-las, colocá-las em um estado de jogo, de modo a deixá-las abertas ao acontecimento teatral. Vou relatar três experiências de mediação que ocorreram comigo e que dialogam diretamente com isso que estou chamando por estado de presença.

A primeira experiência que vou relatar foi com uma turma de crianças de aproximadamente 10 anos; entre elas, havia um menino autista. Ao começar a desenvolver a minha fala sobre o que a peça tratava (a peça em questão era *É o fim da picada!*, que trata das arboviroses), essa criança se levantou empolgada, se colocou na minha frente e começou a falar tudo que sabia sobre as arboviroses. Nesse momento eu perguntei o seu nome e pedi que ele me ajudasse a contar sobre o assunto para todos os outros colegas. Esse pedido fez com que essa criança discorresse de maneira didática sobre as arboviroses. Tendo feito, ela se sentou. Essa experiência me marcou porque, ali, passei a refletir o que é que pode ser uma experiência de protagonismo do público visitante ao museu. O segundo caso foi quando eu estava prestes a anunciar as últimas palavras antes de o espetáculo começar. Pedi que o público levantasse os braços e mexesse o corpo para já entrar no clima da peça. Notei que uma adolescente não fez e percebi que ela não estava bem. Cheguei de forma discreta e perguntei se estava tudo bem com ela. Imediatamente a professora veio e a levamos para fora do teatro. Ela tinha ansiedade e, naquele momento, estava em uma crise. Ela chorava e balançava o corpo. Eu perguntei se poderia me sentar ao lado dela e, após um sim, perguntei se ela gostaria de um abraço. Passamos, ela e eu, a duração da peça abraçadas. Eu contei para ela que tinha terminado um namoro recentemente e que estava muito triste. Choramos juntas. Ela foi melhorando. Quando terminou a peça, ela já estava bem e me disse que voltaria para me visitar. Essa experiência me fez perceber o quanto de nós precisa ser dado para que possamos nos conectar verdadeiramente. Não só eu a ajudei, mas ela também me ajudou. A outra experiência foi ao final da peça. Eu fiz a mediação, a peça aconteceu, e, ao final, um adolescente que estava sentado na plateia com mais dois amigos me chamou e perguntou: “Você é trans?”. Eu disse que sim. E ele disse com um sorriso: “Eu também”. Nos abraçamos e nos reconhecemos. Durante as mediações, eu busco me colocar e me expressar a partir da noção da amizade e da cumplicidade. Acredito que essa maneira abre espaço para que a outra pessoa se sinta confortável para ser quem ela é. O último episódio ocorreu também ao fim da peça. Uma pessoa adolescente, que pude perceber que era LGBTQIAPN+, me chamou na saída e, sorrindo, diz que queria me contar uma coisa. Eu sabia, eu senti, pela forma como me abordou – um misto de curiosidade e intimidade –, que essa pessoa havia se conectado com a minha identidade. Eu disse que sim. Mas ela desistiu. Disse: “Deixa

pra lá”. O que pude dizer foi: “Eu estou aqui. Você pode voltar quando quiser, que você vai me encontrar aqui, tá bem?”. Ela disse que sim e foi embora.

Este texto teve o intuito de apresentar algumas reflexões que têm feito parte da minha prática e pesquisa. Tenho refletido como o museu pode ser um espaço em que podemos abandonar uma certa ideia de autoridade do conhecimento para nos permitimos uma troca verdadeira e transformadora que afete tanto ao público como também a nós, mediadores. Talvez o público possa ensinar mais do que ser ensinado. E se o museu for um lugar de convívio onde a gente possa aprender a conversar?

Referências

ALMEIDA, Carla; LOPES, Thelma (ed.). **Ciência em Cena: Teatro no Museu da Vida**. Rio de Janeiro: Museu da Vida/COC/Fiocruz, 2019.

GUIMARÃES, Kailani. Teatro, ciência e humor: um estudo a partir da peça Paracelso, o fenomenal. 2022. 211 f. **Dissertação** (Mestrado de Divulgação da Ciência Tecnologia e Saúde) – COC, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2022.

GUIMARÃES, Kailani; ALMEIDA, Carla. “Could I become a scientist?": exploring theater’s power to connect the public with science. **Elsevier**, Volume 143, May 2025.
LIBAR, Márcio. **Projeto Narrativas do Brasil**. Produtora: Patreon, 2015. 1 vídeo (4min e 56s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FzAiJ0ftMac>.

PUC CETTI, R. Caiu na rede é riso. **Revista do Lume**, Campinas, v. 2, p. 89-90, 1999.
WAGENSBERG, J. O museu “total”, uma ferramenta para a mudança social. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, p. 309-321, 2005.

RESUMO DOS TRABALHOS APRESENTADOS

Foto: Vitor Vogel



Formação de “mídiadores” no Museu da Vida Fiocruz no desenvolvimento de vídeos acessíveis e inclusivos para pessoas surdas no Instagram

Alexander Inácio de Abreu Creder¹ e Larissa de Oliveira Farias²

Orientador: Daniel Bruno³

O trabalho aqui apresentado visa formar mediadores no Museu da Vida Fiocruz no desenvolvimento de vídeos que possam estimular o pensamento crítico do público em ambiente digital, com enfoque na produção para o Instagram, utilizando de recursos acessíveis e inclusivos para pessoas surdas, como legendas e Libras. O uso do neologismo “mídiadores” pauta a relação da mediação museal com o uso de recursos de mídia da cultura digital. O caderno da PNEM (2018) destaca que a cultura digital “anuncia aí um museu sem paredes, nos quais os conteúdos podem ser multiplicados, com recursos disponíveis nas redes” (Instituto Brasileiro de Museus, 2018, p. 68).

Hoje o Museu da Vida Fiocruz constitui-se como um espaço interdisciplinar que oferece ao público visitante uma reflexão crítica de história, cultura e aspectos da saúde no país por meio das ações educativas. Por isso, o trabalho de mediar ajuda a formar opiniões dentro e fora dos muros e paredes do museu. Nessa “nova” era tecnológica, com o desenvolvimento de inovações e dispositivos móveis, a cibercultura traz ao campo museal a necessidade de atender às novas demandas do público.

A atividade de mediação compõe diversificadas ações de interação, transmitindo ideias pela linguagem, imagens e ouvindo a opinião do público. Logo, ao decorrer dos nossos primeiros meses como bolsistas no Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop), buscamos trazer esse trabalho de mediação para o Instagram, pensando também no público de pessoas surdas que lá existem.

O Museu da Vida Fiocruz já trabalha com a Libras nos vídeos, pois é uma apresentação de convite tanto para surdos quanto para ouvintes. Porém, ainda não existe um trabalho de mediação em Libras dos conteúdos apresentados no museu voltado para a plataforma do Instagram. Nossa intenção é trazer a mediação com Libras para os vídeos de forma clara para os surdos, já que as pessoas ouvintes podem

¹ Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

³ Mestre em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), graduado em Gravura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); educador no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

compreender mais facilmente, enquanto as pessoas surdas têm uma percepção visual mais forte. Nossa atividade envolve o esforço de uma pessoa surda e uma ouvinte, na elaboração de vídeos que possam ser facilmente compreendidos, mesmo para quem tem pouco ou nenhum conhecimento de Libras.

Nossa tentativa inicial dedica o primeiro momento dos vídeos a ensinar sinais com legendas, e, no segundo momento, formamos uma frase com os sinais aprendidos, produzindo um “Icebreaker” – termo em inglês que se refere a uma atividade ou pergunta usada para iniciar uma conversa e relaxar o ambiente social, sendo especialmente útil em situações onde as pessoas não se conhecem bem, ajudando a quebrar o gelo e facilitando a interação. É importante ressaltar que nossa intenção é produzir vídeos curtos, pois, a princípio, serão temas mais simples. Com isso, fazemos uma abordagem de temas leves e interativos para convidar o público a participar da mediação conosco. Os materiais necessários são uma câmera digital de alta qualidade, um tripé profissional universal para celular e câmera, um kit completo de ring light, além da colaboração de mediadores do museu na produção de roteiros para os vídeos, pois são eles que detêm a experiência de educação museal com o público de visitantes, trazendo e compartilhando de forma criativa os conteúdos mais trabalhados e que geram mais interesse.

Ensinar na internet ao público digital que visita os museus é fundamental para ampliar o acesso à cultura e ao conhecimento. A utilização de plataformas on-line não apenas democratiza o aprendizado, mas também enriquece a experiência dos visitantes, permitindo que eles explorem as coleções de maneira interativa e envolvente. Além disso, ao atingir um público mais amplo e diverso, essa abordagem promove a preservação da memória cultural. Investir na educação digital em museus é, portanto, um passo essencial para garantir que a arte e a história continuem relevantes e acessíveis a todos, independentemente de sua localização ou condição socioeconômica. Essa “nova” sociedade está sendo criada na dependência das tecnologias, necessitando de mais informação e incentivo para experimentar presencialmente os museus. Por ser o Instagram uma das maiores plataformas de acesso à informação na sociedade contemporânea, ratificamos a necessidade da divulgação de cunho científico pelo museu. Diante dos inúmeros casos de fake news na internet, acreditamos que o Museu da Vida Fiocruz pode estimular o pensamento crítico do público por meio da nossa proposta de atividade de “mídiação” no desenvolvimento dos vídeos.

Referências

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. **Caderno da Política Nacional de Educação Museal**. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/cadernos-e-revistas/caderno-da-politica-nacional-de-educacao-museal/view>. Acesso em: 8 out. 2024.

MARTI, Frieda Maria; SANTOS, Edméa Oliveira dos. Educação museal online: a educação museal na/com a cibercultura. **Revista Docência e Cibercultura**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 41-66, 2019. DOI: 10.12957/redoc.2019.44589. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/44589>. Acesso em: 10 set. 2024.

SILVA, João. **A história dos museus**: do século 19 à contemporaneidade. São Paulo: Cultura, 2020.

Cavalalibras: Oficina de Libras no Museu da Vida da Fiocruz

Giovanna Gil dos Santos Valim¹, Larissa de Oliveira Farias² e Alexander Inácio de Abreu Creder³

Orientador: Daniel Bruno⁴

O presente trabalho tem como objetivo apresentar um relato de experiência acerca das atividades na oficina de Língua Brasileira de Sinais (Libras) no Museu da Vida – Fiocruz, que tem como público-alvo os educadores bolsistas do conjunto histórico do museu.

A oficina foi idealizada e é conduzida pelo educador Daniel Bruno. Colaboram na elaboração dos exercícios, Larissa Farias, bolsista do Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop), e, eventualmente, o bolsista do Programa de Incentivo ao Desenvolvimento Institucional (PIDI), Paulo Andrade. A atividade tem como objetivo o ensino instrumental da Libras para desenvolver e ampliar as habilidades de comunicação dos educadores do conjunto histórico, especialmente para a interação com visitantes surdos e com a educadora Larissa, que também é surda e faz parte da equipe de bolsistas.

Os encontros ocorrem no espaço expositivo da Cavalaria nos últimos 30 minutos do expediente. Do local do encontro veio o apelido “Cavalalibras”, que logo se tornou o nome oficial. Esse horário foi estrategicamente escolhido por ser um momento em que o fluxo de visitantes costuma ser menor, permitindo um ambiente mais tranquilo e propício para a aprendizagem. No entanto, ocasionalmente, alguns visitantes curiosos que estão presentes nesse período também se envolvem nas atividades, o que acaba promovendo uma experiência educativa, tanto para os participantes quanto para os visitantes.

A estrutura das oficinas é composta por jogos e atividades dinâmicas, que foram cuidadosamente elaboradas pelo educador Daniel Bruno e pela educadora Larissa, com foco no aprendizado prático e divertido da Língua Brasileira de Sinais.

¹ Estudante de Licenciatura em Filosofia na Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

³ Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Mestre em Educação Bilingue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES); graduado em Gravura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); educador no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

Cada sessão aborda um aspecto diferente da Libras, desde sinais básicos, como saudações e expressões do cotidiano, até conceitos mais complexos, que envolvem o vocabulário científico relacionado à exposição.

A metodologia das oficinas busca utilizar métodos lúdicos, como jogos, mímicadas e brincadeiras que estimulam o raciocínio rápido e a interação. Essa abordagem torna o processo de aprendizagem mais acessível e menos intimidador, principalmente para aqueles que estão tendo seu primeiro contato com a língua – o que favorece a construção de um ambiente onde os erros são bem-vindos, pois também são utilizados como forma de tirar dúvidas ou esclarecer confusões acerca da língua de sinais.

Um dos principais desafios do processo foi a variação no nível de conhecimento prévio dos participantes. Alguns educadores já tinham familiaridade com a Libras, enquanto outros estavam começando do zero. Para contornar essa questão, Daniel e Larissa adaptaram as atividades para atender a todos os níveis, promovendo a co-operação entre os participantes. Outro ponto a destacar foi a inclusão ocasional de visitantes nas atividades. Embora isso não fosse parte do planejamento original, a presença deles trouxe essa interação inesperada e acabou enriquecendo a experiência, mostrando a aplicabilidade imediata do que estava sendo aprendido.

No futuro, seria interessante expandir o projeto para incluir outros tipos de treinamento em acessibilidade, como o uso de tecnologias assistivas e práticas de atendimento inclusivo. A educadora Larissa observa que os visitantes surdos não gostam de utilizar os tablets disponíveis como recurso de acessibilidade porque, ao tentarem voltar o vídeo, o tablet não permite e vai direto para o final, o que os deixa frustrados. Por isso, eles acabaram desistindo de utilizá-lo. Além disso, não demonstram interesse pelo tablet, por preferirem conteúdos visuais com imagens ilustrativas, e não apenas com a figura do intérprete. Muitas vezes, surdos têm dificuldade para entender textos em língua portuguesa que contenham palavras complexas, sejam eles longos ou curtos.

No módulo 3.1 de título “De que(m) depende a sua saúde?”, por exemplo, há uma televisão que deveria ter uma janela com intérprete de Libras, já que, frequentemente, os surdos não conseguem compreender palavras difíceis nas legendas ou interpretam o contexto das frases de forma equivocada. A inclusão de uma janela de Libras junto com as legendas seria a solução ideal. A capacitação dos educadores e

o desenvolvimento do vocabulário em Libras se demonstra importante, justamente, para contornar e mediar os limites da tecnologia.

O impacto da oficina tem sido significativo tanto para os educadores quanto para os visitantes do Museu da Vida. Parte dos educadores bolsistas relatou um aumento na confiança ao se comunicar com visitantes surdos, o que tem melhorado a qualidade das visitas guiadas e a interação dentro do museu.

A oficina também reforçou a importância da inclusão no ambiente de trabalho e no atendimento ao público. A capacitação permite que os educadores acolham melhor os visitantes surdos, promovendo uma experiência mais completa e inclusiva para todos que frequentam o museu.

Ao refletir sobre essa experiência, fica claro que a oficina de Libras vem mostrando como é importante ter espaços de formação durante a semana, onde podemos conversar e refletir sobre as práticas e demandas do cotidiano. A oficina de Libras no Museu da Vida foi uma experiência transformadora, tanto do ponto de vista pessoal quanto profissional. O impacto desse projeto vai além do museu, refletindo-se na maneira como lidamos com a diversidade em nosso cotidiano.

Perspectivas museológicas: o uso de charges na educação museal no Museu da Vida Fiocruz

Leonardo de Andrade Ribeiro¹, Josiane do Nascimento Maciel², Nathália Paula da Silva Abreu³,
Lara de Almeida Duarte⁴ e Daiana Domingos da Costa⁵

Orientadores: Suzi Santos de Aguiar⁶, Daniel Bruno Nogueira⁷ e Ana Aparecida Costadella Daniel⁸

O Castelo Mourisco é um importante local de preservação e divulgação científica no Brasil. As visitas realizadas nesse espaço proporcionam aos visitantes uma imersão no contexto histórico do Rio de Janeiro no início do século XX, especialmente no período das grandes epidemias que assolavam a população.

Um dos recursos utilizados durante as mediações no Castelo são as charges, que oferecem um olhar irônico e crítico sobre personagens históricos, como Oswaldo Cruz, as medidas sanitárias implementadas na época e a Revolta da Vacina. Essas ilustrações possibilitam a compreensão de temas complexos e promovem um diálogo crítico entre os visitantes. Com seu caráter satírico e provocativo, as charges captam a atenção e incentivam a reflexão, convidando o público visitante para uma mediação dialógica. A mediação realizada com charges, como estratégia, proporciona ao visitante a construção de novos conhecimentos, promovendo um protagonismo ativo, o que reforça e reelabora saberes durante a visita, criando um ambiente participativo. Essa abordagem democratiza o conhecimento, contribuindo para a troca de experiências entre os mediadores e o público, valorizando a diversidade de perspectivas e tornando a ciência mais próxima do cotidiano. Esse processo é conduzido sob uma perspectiva de horizontalidade, na qual as charges servem como pontes que possibilitam que os saberes científicos, históricos e culturais sejam popularizados. A ciência é compreendida como uma construção social (Oliva, 2009) e, portanto, pautada e

¹ Estudante de Bacharelado em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

³ Estudante de Licenciatura em História na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - Instituto Multidisciplinar (UFRRJ/IM); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Estudante de Bacharelado em Conservação e Restauração na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

⁵ Estudante de Bacharelado em Ciências Ambientais na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Propop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

⁶ Mestra em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde. Educadora no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

⁷ Mestre em Educação Bilíngue pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Educador no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

⁸ Mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Educadora no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

desenvolvida sob demandas coletivas predominantes em seus contextos.

Nosso relato se baseia na experiência que tivemos com a realização de mediações com uso de charges nas varandas do segundo e terceiro andares do Castelo Mourisco. Tais charges foram obtidas a partir de pesquisa realizada no acervo da Biblioteca da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz). Seus temas estavam relacionados a questões históricas e científicas, tais como política, reforma urbana e saúde pública. O público da referida atividade era composto tanto por visitantes espontâneos de diferentes idades quanto por estudantes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio provenientes de escolas públicas e privadas.

A metodologia utilizada, baseada na teoria de Bakhtin (1953), envolveu mediações que usaram charges para promover o pensamento crítico. Após uma pesquisa teórica, foram destacados os principais pilares, com o objetivo de enfatizar a pedagogia dialógica presente nas mediações realizadas no Castelo Mourisco. Nesse sentido, o método utilizado permitiu que os visitantes analisassem as charges e compartilhassem suas impressões após receberem instruções sobre a visita. A mediação, com uso de charges como “Conferência Sinistra” e “Revolta da Vacina”, estimulou o engajamento ativo, promovendo a interpretação e discussão dos temas abordados. Essa interação despertou o interesse e proporcionou a criação de conexões entre as ilustrações e o contexto histórico, gerando um ambiente de aprendizado dinâmico e crítico, onde os visitantes se sentiram à vontade para expor suas convicções sobre história e ciência. Eles levantaram questões sobre saúde, como vacinas e doenças, e observaram a ridicularização de Oswaldo Cruz. Além disso, discutiram a reforma urbana no Rio de Janeiro e os cortiços, fazendo também conexões com a pandemia e refletindo sobre o período pós-pandêmico, o que enriqueceu as discussões. Cada mediação se mostrou única devido à diversidade de opiniões e bagagens culturais dos visitantes, o que trouxe diferentes perspectivas e enriqueceu a experiência educativa e as discussões sobre as representações satíricas. Essa variedade permitiu que os mediadores adaptassem suas estratégias, utilizando as charges e outros recursos de forma a se conectar melhor com as experiências de cada grupo.

Os desdobramentos dessa atividade sugerem que o uso de charges pode ser expandido para outros contextos e exposições, além da visita ao Castelo Mourisco. A combinação interdisciplinar de história e ciência tem potencial para enriquecer as

mediações, tornando os conteúdos mais acessíveis e interessantes para diversos públicos. Essa abordagem também fortalece o papel do Museu da Vida Fiocruz como um espaço de divulgação científica, apresentando a ciência como uma construção social e histórica.

Dessa maneira, a mediação com charges no Castelo Mourisco transformou a visita em uma experiência de aprendizagem ativa e participativa. Este processo educativo não apenas construiu conhecimentos de forma conjunta, mas também promoveu um ambiente inclusivo e acessível, que engajou os visitantes na reflexão crítica sobre a história e a ciência.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006^a [1952-1953]. p. 261-306.

INSTITUTO OSWALDO CRUZ. **Dossiê 006 – caricatura e charges**. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz, 2014. Disponível em: <https://basearch.coc.fiocruz.br/index.php/caricaturas-e-charges>. Acesso em: 11 out. 2024.

OLIVA, Alberto. É a ciência a razão em ação ou a ação social sem razão? **Scientiae Zudia**, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 105-34, 2009.

A transdisciplinaridade do Sítio Arqueológico da Fiocruz com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas

Erick Patrick Felix Soares¹, Yasmim Pereira dos Santos Francisco² e Larah Victória dos Santos³

Orientadores: Maria Paula Bonatto⁴

A arqueologia pesquisa e organiza informações do passado para que possamos entender nossas origens e as relações sociais, trazendo a importância da consciência histórica, as contradições, estudando possíveis comportamentos sociais que se modificam ao longo do tempo e desvendando conexões interculturais e patrimônios da sociedade.

Em 2013, o sítio arqueológico do Museu da Vida Fiocruz (Casa de Oswaldo Cruz) foi descoberto a partir de vestígios do antigo Complexo de Incineração de Lixo Urbano, sendo a seguir elaborado o projeto expográfico e arquitetônico para preservação dos vestígios e visitação pública do local. Foram desenvolvidos projetos executivos para estruturas de passarela, guarda-corpos, cobertura e o projeto expográfico, com produção de conteúdos e comunicação visual.

O presente trabalho relata reflexões sobre experiências da prática de mediação no Sítio Arqueológico - Vestígios Arqueológicos do Antigo Complexo de Incineração de Lixo Urbano, que integra os equipamentos da exposição do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz. Essa mediação está focada na apresentação do Sítio, introduzindo o tema dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) junto às temáticas desenvolvidas na atividade. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável são um apelo global à ação para acabar com a pobreza, proteger o meio ambiente e o clima e garantir que as pessoas, em todos os lugares, possam desfrutar de paz e de prosperidade. (ONU, 2015).

A ONU lançou em 2015 a Agenda 2030 com 17 objetivos que buscam trazer melhorias desde a vida da natureza até a vida humana. São objetivos ambiciosos

¹ Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista Propop Museu da Vida Fiocruz, espaço Parque da Ciência.

² Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Propop Museu da Vida Fiocruz, espaço Parque da Ciência.

³ Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Doutora em Saúde Pública, mestra em Filosofia da Educação e bióloga. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por populações do Brasil e do mundo. A ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável juntamente com governos, instituições e organizações da sociedade civil.

Como estratégia educativa de mediação, iniciamos com a apresentação da ciência da arqueologia e sobre a importância das relações entre ambiente e saúde. Para isso, exploramos com o público o painel que contém a explicação das etapas da arqueologia (identificação, sondagem, escavação, documentação e exposição). A primeira troca com os visitantes é a investigação de suas percepções prévias acerca da arqueologia e do trabalho do arqueólogo, levando em conta sua contribuição para a ciência. Todo o espaço do Sítio é explorado na mediação, começando com a observação da localização das escavações que revelam o sítio arqueológico.

Para a construção da mediação, leva-se em conta a função do bolsista como mediador do conhecimento (Lev Vygotsky - 1989, Casa de Oswaldo Cruz, 2021), trazendo como elemento pedagógico central o contexto de vida dos visitantes. Entre estes, predominam estudantes que são levados a refletir sobre seus territórios e vivências por meio de perguntas disparadoras como: “O que você acha dos processos de queima de lixo nos ambientes das cidades?”, “Qual é a sua visão sobre a importância deste local e dessa prática?”, “Qual a relação deste complexo de incineração de lixo urbano com as ODS?”. As tentativas de responder a essas perguntas geram debates acalorados, o que tende a aprofundar o interesse pelo que estão vendo à sua volta. Durante a discussão, situamos as relações geográficas do Complexo de Incineração em relação à cidade do Rio de Janeiro e em relação às atividades da própria Fiocruz, verificando esses aspectos por meio de seus vestígios, expostos em uma vitrine. A seguir, utilizamos as maquetes táteis, dando início à discussão sobre acessibilidade, educação de qualidade e inclusiva, o que perpassa pelas ODSs 4 e 10, incluindo também a ODS 11, que se refere às cidades e comunidades sustentáveis. A conversa se desenvolve no sentido de trazer cada vez mais aprofundamento no tema, sempre com perguntas problematizadoras (Paulo Freire, 2005), segundo o interesse e os relatos dos visitantes. Nessa etapa da mediação, explicamos a importância da ciência e dos acervos como elementos de comprovação científica. Finalmente, introduzimos a ideia de que, cada vez mais, precisamos pautar a temática da sustentabilidade e de como



imagem 1

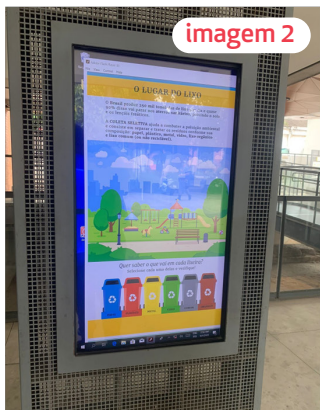


imagem 2



imagem 3

Fonte: Erick Soares

a produção e o consumo responsável interferem em nossas relações sociais e com a natureza, correlacionando esses conteúdos com o Objetivo Sustentável 12: Consumo e produção responsável. Como estratégia, utilizamos o totem interativo que contém um jogo sobre a coleta seletiva do lixo, reafirmando toda a discussão desenvolvida ao longo da mediação e verificando na prática o entendimento prévio que os visitantes detêm acerca da distribuição correta de lixo na coleta seletiva, associando a possibilidades de reciclagem.

Pensar a mediação usando os ODS como metodologia associada a uma abordagem decolonial, por meio do “paradigma outro” (Mignolo, 2003), de pensamento crítico, analítico e utópico, é uma possibilidade de construção de esperança para a luta contra o cenário de sofrimento causado pelo projeto de modernidade. Com uma escuta ativa e empática, é possível que a mediação se torne prazerosa e memorável para os frequentadores do Museu da Vida Fiocruz. Tratar as ODS é uma abordagem decolonial que põe em questão as necessidades globais, para além das necessidades de cada país, pensando na preservação da vida e valorização das sociedades humanas.

Minha experiência se deu em duas fases: a primeira, seguindo o roteiro original sem a utilização da temática dos ODS, e, em uma segunda fase, introduzindo as relações entre o complexo de incineração e os ODS. Pude observar que minhas mediações, antes de aplicar os ODS, eram mais pautadas nas questões estruturais, históricas e comparativas, como o tamanho da torre de incineração em relação ao tamanho do Cristo Redentor, causando muitas vezes desinteresse entre os estudantes. A densidade da discussão nem sempre surgia partindo dos alunos, e sim dos professores, mas muitas

vezes gerando vazios de sentido. Identifiquei que, com a introdução dos ODS, se criam oportunidades de aprofundamento, possibilitando reflexões. Assim, trazendo para a discussão os ODS 3 - Bem estar e saúde, ODS 6 - Água potável e saneamento, ODS 12 - Consumo e Produção responsáveis, ODS 13 - Contra a mudança global do clima, ODS 14 - Vida na água e ODS 15 - Vida terrestre, percebemos que os visitantes mostram mais interesse por entenderem a ciência como patrimônio coletivo. Esse enfoque traz para a discussão uma visão social crítica, pautada nas relações entre ciência x tecnologia x sociedade. As interações tendem a gerar outras perguntas problematizadoras que emergem entre os próprios alunos, relatando catástrofes naturais como a do Rio Grande do Sul e a enxurrada de Petrópolis (casos mais comentados).

Percebemos então falas de estudantes expressando o desejo de serem arqueólogos, o que se diferencia do desinteresse do início da mediação. Observamos que a excitação pelo tema faz com que o tempo de mediação muitas vezes fuja do habitual, devido a discussões e trocas de vivências entre os próprios visitantes, estudantes e professores que acompanham as turmas. Utilizando os ODS na mediação do sítio arqueológico, é possível constatar que o interesse se dá quando há uma familiaridade com o assunto, e o que antes era novo, exótico e afastado torna-se íntimo, conhecido, discutível – talvez porque esses Objetivos já façam parte dos conteúdos escolares ou porque os visitantes tenham tido contato com esses princípios pelas mídias. Os alunos, principalmente de instituições públicas, relatam o que viram na escola, expressando interesse particular por determinados Objetivos. Finalmente, observamos que a mediação, da forma como é conduzida, possibilita a inter-relação das ODS com a arqueologia e seu propósito como ciência social, no sentido de auxiliar a compreensão e obtenção de informações sobre a sociedade e formas de organizações humanas por meio de estudos diretos e evidências históricas.

Como contribuição, minha sugestão é a adição de placas no sítio arqueológico exemplificando os ODS e adicionando perguntas problematizadoras. O repertório do Museu da Vida Fiocruz pode ser enriquecido a partir de nossos roteiros de mediação associados à utilização de metodologias e abordagens consolidadas na Política Educacional do MVF. Reafirmamos, por meio desses roteiros, o compromisso do museu como instituição de saúde pública com o cumprimento das ODS e a criação de espaços de diálogo e comunicação acerca desses Objetivos Globais.

Referências

BONATTO et al. Ação mediada em museus de ciências: o caso do Museu da Vida. In: MASSARANI, L. (org.). **Diálogos & Ciência**: mediação em museus e centros de Ciência. Rio de Janeiro: Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz, 2007. p. 47-54.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política educacional do Museu da Vida**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MIGNOLO, W. *Historias Locales/diseños Globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronteirizo*. Madrid: Akal, 2013.

MUSEU DA VIDA FIOCRUZ. **Proposta pedagógica para a realização das atividades de visita aos VESTÍGIOS ARQUEOLÓGICOS DO ANTIGO COMPLEXO DE INCINERAÇÃO DE LIXO URBANO**. Rio de Janeiro: Centro de Documentação da História da Saúde (CDHS)/Casa de Oswaldo Cruz (COC). Mimeo.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. **Agenda 2030**: Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Brasília, DF: ONU Brasil, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

A decolonialidade e a educação para as relações étnico-raciais na mediação museal do Museu da Vida Fiocruz

Larah Victória dos Santos¹ e Erick Patrick Félix Soares²

Orientadores: Luis Carlos Victorino de Oliveira³

Os espaços museais estão se tornando cada vez mais populares no Rio de Janeiro. A integração com a sociedade se tornou uma das partes principais do que seria um plano de trabalho museal, com atividades e exposições que saem da ideia contemplativa do que era, tradicionalmente, para ser o museu, tornando-o mais interativo e interessante. Trabalhando há alguns meses no Museu da Vida Fiocruz (MVF), percebemos que a ideia de interação com o público é muito vantajosa quando plenamente aplicável, uma vez que encurta laços e expande a capacidade de conhecimento, principalmente aqueles que não estão devidamente expostos no cotidiano.

O Museu da Vida atualmente possui seis espaços temáticos de visitação: a) Castelo, b) Cavaleriça, c) Parque da Ciência, d) Tenda da Ciência, e) Centro de Recepção e f) Borboletário. Neste trabalho, faremos um relato de experiência sob a ótica de dois bolsistas do Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) durante suas atividades de mediação no Parque da Ciência (MVF).

O Parque da Ciência não é, nem de longe, um dos espaços mais conservados ou atualizados do MVF – isso se torna perceptível ao andar pela área externa e se ver impossibilitado de usar algumas ferramentas interativas, limitando-se apenas à leitura do que aquele objeto poderia fazer, caso estivesse funcionando. Por se tratar do espaço mais escolhido como espaço de visitação pelo público, segundo levantamento do Núcleo de desenvolvimento de Público NDP do MVF, principalmente por escolas, instituições e ONGs, com grupos de crianças, adolescentes, adultos e idosos, quase sempre divididos por faixa etária, a depender da visita, a falta dessa manutenção impacta diretamente nossas atividades diárias.

¹ Estudante de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Licenciatura em Pedagogia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

³ Doutorando em Educação, Difusão e Gestão em Biociências pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBqM/UFRJ). Educador no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

Durante os primeiros meses mediando, recebemos diversos tipos de públicos no museu. Como estudantes de pedagogia, nos atentamos bastante para a forma como nos comunicamos com eles. Acreditamos que a comunicação é um fator de aproximação instigante para adentrar ao processo de aprendizagem.

Adentrando no espaço interno, nos deparamos com um grande painel iluminado com a fotografia da visita de Albert Einstein ao Brasil para conhecer a Fiocruz. Nessa foto também estão diversos pesquisadores brasileiros ao seu lado, sendo um deles Carlos Chagas. Iniciamos a mediação interna perguntando o que eles observam de semelhança naquelas pessoas – a intenção é que consigam destacar a presença de homens brancos e a ausência de minorias que constituem a nossa sociedade. Após a percepção, perguntamos se só aquelas pessoas, homens brancos, fazem ciência no Brasil e no mundo e, principalmente, se naquela época somente pessoas semelhantes a eles poderiam ser cientistas.

O objetivo, que quase sempre alcançamos, independentemente da idade ou do público, é gerar um incômodo para que questionamentos acerca do assunto possam surgir; assim, podemos trazer exemplos (fotos impressas e plastificadas) de pessoas negras, mulheres, indígenas e deficientes que também produziram ciência à época ou fora dela, explicando a importância daqueles cientistas no painel para a medicina do nosso país, mas ressaltando que outras pessoas, que estavam produzindo tanto quanto eles, foram invisibilizadas apenas por existirem.

Ao final da apresentação, fazemos uma fala que enaltece a importância daquele debate e que logo após eles também poderão se tornar cientistas, participando das atividades previstas na mediação. Ao final de quase toda atividade que acompanhamos, vemos uma animação incontrolável vinda de pessoas que nunca tiveram contato com um museu interativo na vida, principalmente de ciências – uma área, infelizmente, elitizada (apoio esse argumento no fato de que Sônia Guimarães⁴ ainda é a primeira mulher negra doutora em Física no Brasil). Acredito que parte dessa animação advém da importância de jovens negros e LGBTQIAPN+ comporem a maioria da equipe de mediação. É uma sensação de “eu também posso” que percebemos em cada olhar que vai de encontro ao nosso. Durante uma mediação, tivemos a oportunidade de ouvir

⁴Doutora em Física pela Universidade de Manchester e professora do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA).

isso de uma senhora de mais ou menos 60 anos, estudante da EJA (Educação para Jovens e Adultos), que fez questão de colocar o jaleco, segurar a foto de Jaqueline Goes de Jesus⁵ e dizer “ainda há tempo para mim”.

Usar as ferramentas da decolonialidade⁶ pode nos trazer resultados satisfatórios no processo de aprendizagem, principalmente quando falamos de um museu que está localizado na Zona Norte periférica do Rio de Janeiro e que recebe quase a maior parte do público advinda de comunidades do entorno. Tornar o conhecimento decolonial é trazer

Práticas que abrem caminhos e condições radicalmente “outras” de pensamento, re e insurgimento, levantamento e edificação, práticas entendidas pedagogicamente – práticas como pedagogia – que, por sua vez, fazem questionar e desafiar a razão única da modernidade ocidental e o poder colonial ainda presente, desligando-se deles. (Walsh, 2009, p. 28).

A ciência não é algo exclusivo da branquitude e muito menos do Ocidente. Após 25 anos de funcionamento do Museu da Vida Fiocruz – cuja essência está na interação com o público – ainda não houve uma reformulação efetiva das atividades curriculares que o estruturam. A proposta de elaborar materiais, imprimir, plastificar e difundir diferentes visões de cientistas no painel surge do compromisso coletivo dos mediadores com a educação voltada para as relações étnico-raciais. Trata-se de uma ação que contrasta, por exemplo, com a Bancada de Pasteur – batizada em homenagem ao renomado cientista francês –, onde, independentemente do grau de envolvimento pessoal, cabe a nós, bolsistas, relatar a importância histórica de sua obra para a ciência.

Entender o continente africano como o berço da humanidade – logo, da ciência – e utilizar dos diversos tipos de conhecimentos produzidos pelos africanos nos espaços do Museu da Vida, para além de um totem, que infelizmente foi apagado pelo tempo, no Jardim dos Códigos, é colaborar com a urgência e a diversidade do processo de aprendizagem do público do Museu.

⁵Biomédica brasileira responsável pelo mapeamento do genoma da Covid-19.

⁶Termo cunhado por Catherine Walsh – professora e diretora do Doutorado em Estudos Culturais da América Latina – que retrata o pensamento e a prática centralizada no pensamento hegemônico eurocêntrico.

Referências

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria. **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/484685590/document-onl-walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-pdf>. Acesso em: 12 out. 2024

Praticando Ecologia-UNIRIO: ressignificando a atividade para atuação no Museu da Vida Fiocruz

Yasmim Pereira dos Santos Francisco¹, Thayná de França Paixão², Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas³, Robson Costa dos Santos Junior⁴ e Karine Leonardo Pinheiro⁵

Orientadores: Tatiana Fabricio Maria⁶ e Maria Paula Bonatto⁷

O Projeto Praticando Ecologia e Integrando Saberes nas Escolas foi criado por discentes da disciplina de Ecologia Básica da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) como um método avaliativo. Por ser seu caráter aplicado, o projeto foi transformado em uma atividade de extensão da UNIRIO com o objetivo de disseminar o conhecimento de Ecologia de Populações além dos muros acadêmicos, atendendo estudantes de escolas públicas e particulares do Rio de Janeiro, abrangendo tanto o ensino fundamental (primeiro e segundo segmentos) quanto o ensino médio. Com essa versatilidade de faixa etária, o projeto foi aplicado no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz, que possui um público diverso, para ser aplicado no espaço museal, pois os temas ecológicos abordados estão em sintonia com esse Museu.

A partir dessa parceria, o projeto passou a ser adaptado para diferentes faixas etárias, já que no Museu não há o controle de idade, com visitantes desde crianças de 5 anos até idosos de 70 anos. Por conta disso, os conceitos, que na sala de aula são abordados de maneira mais prolongada, foram adaptados para uma apresentação mais curta e dinâmica. Dessa forma, os visitantes do Museu compreendem os principais conceitos de Ecologia propostos pelo Projeto, como natalidade, mortalidade, reprodução, interações ecológicas e capacidade de suporte, além da importância dos recursos, especialmente a água, fundamental para todos os seres vivos. A adaptação da atividade para o Museu também enfoca a preservação dos biomas brasileiros e a importância da conservação ambiental em escala global.

¹ Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); extensionista do Projeto de extensão pela PIBEX; bolsista Propop Museu da Vida Fiocruz.

² Licenciatura em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ); bolsista Propop, Museu da Vida Fiocruz.

³ Licenciatura em Química pela Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ); bolsista Propop, Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Bacharelado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); voluntário do Projeto de Extensão.

⁵ Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); voluntária do Projeto de Extensão.

⁶ Coordenadora do Projeto, Laboratório de Ecologia e Biogeografia, Departamento de Ecologia e Recursos Marinhos; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); co-orientadora do presente trabalho.

⁷ Doutora em Saúde Pública, mestra em Filosofia da Educação e bióloga. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz, orientadora do presente trabalho.

Inicialmente, o projeto foi apresentado aos bolsistas do Parque da Ciência, do Castelo e do Conjunto Histórico do Museu da Vida (Figura 1), que receberam uma formação sobre os conceitos ecológicos aplicados. As opiniões dos bolsistas foram coletadas e utilizadas para ajustar a proposta para o espaço museal, que foi muito bem aceita. A simplicidade dos materiais necessários para as atividades, como crachás feitos manualmente com barbante e papel-cartão de diferentes cores para representar personagens, foi destacada, assim como a ênfase em atividades corporais e interativas que estimulam o aprendizado. As atividades exigem a participação de, no mínimo, 20 pessoas, que são divididas em personagens: onça-pintada, capivara e recursos, como água. Cada participante usa um crachá de cor específica para representar seu papel (Figura 2), sendo vermelho para onça-pintada, amarelo para capivara e azul para o recurso.

As dinâmicas são realizadas em três etapas: na primeira dinâmica, os participantes que representam capivaras correm em direção a um recurso limitado, abordando os conceitos de reprodução, natalidade e competição intraespecífica; já na segunda dinâmica, o foco está na taxa de mortalidade e capacidade de suporte, pois as capivaras precisam fugir das onças-pintadas para evitar serem capturadas, o que resulta na



imagem 1

Fonte: Luciana Sales



imagem 2

Fonte: Yasmin Francisco



imagem 3

Fonte: Yasmin Francisco

diminuição da população de capivaras; e, por fim, na terceira dinâmica, além de continuarem fugindo das onças, as capivaras competem entre si para garantir o acesso ao recurso disponível, intensificando a competição intraespecífica.

Os resultados se mostraram positivos a partir do feedback entusiasmado tanto de crianças quanto de adultos, que relataram ter gostado muito da forma interativa e divertida de aprender conceitos ecológicos. A interação com diferentes faixas etárias no Museu da Vida destacou o impacto positivo do projeto, demonstrando que o aprendizado de ecologia pode ser acessível e prazeroso além dos muros da convencional sala de aula.

Esse formato inovador de ensino reafirma a importância de metodologias interativas e práticas no processo de ensino-aprendizagem, promovendo maior engajamento e conscientização sobre ecologia e meio ambiente. O sucesso do projeto no Museu da Vida Fiocruz reforça seu potencial para continuar impactando diferentes públicos e expandindo a conscientização ecológica.

Referências

LAFUENTE, L.; BARBOSA, J. B. Uma contribuição ao ensino de ecologia através da metodologia ativa. **South American Journal of Basic Education, Technical and Technological**, v. 4, n. 2, 2017. Acesso em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1269>.

ODUM, E. P.; BARRETT, G. W. **Fundamentos de Ecologia**. 6. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2004.

PALMER, P. J.; WILLIAMS, A. T. S. **Ecologia: Princípios e Aplicações**. São Paulo: Manole, 2012.



Fonte: Yasmin Francisco

O ensino de química em espaços museais para crianças autistas

Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas¹, Raquel Campos Martins² e Yasmim Pereira dos Santos Francisco³

Orientadora: Luciana Sales⁴

O Museu da Vida Fiocruz é um espaço de integração entre ciência, cultura e sociedade com o objetivo de educar e informar de forma lúdica e criativa, por meio de exposições e atividades interativas. Há pouco mais de uma década, o Museu realiza uma seleção de estudantes universitários de distintas áreas de formação para atuar como mediadores no Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop). A oportunidade de atuar como estudante de química no Museu da Vida Fiocruz é uma experiência excepcional, pois o contato diário com a mediação desperta nosso interesse não apenas pessoal, como também profissional e acadêmico. Dessa maneira, durante os seis meses de atuação, o Propop tem sido fonte de muito aprendizado e conhecimento.

Vale ressaltar que o Parque da Ciência possui um público diversificado, que ganha ainda mais relevância quando se tem em perspectiva as pessoas com deficiência, que possuem algum tipo de limitação em diferentes gradações, podendo variar de comprometimentos leves, médios e graves até a perda total da capacidade física, intelectual ou sensorial. Dentre eles, destacaremos um grupo de crianças com Transtorno de Espectro Autista (TEA), sobre o qual relataremos o experimento da “vela que apaga sozinha”.

Compreendemos que a acessibilidade trata de questões relacionadas às barreiras entre o público e o museu, sendo elas físicas, sensoriais ou de atitude, a partir da compreensão de que a interação é de pessoas em diferentes condições. Nesta prática, daremos ênfase à Banca Pasteur, que explora o universo da experimentação em ciências com base nos conceitos da química. Algumas etapas antecedem a mediação, como preparar, realizar o diálogo e desenvolver. A atividade objetiva demonstrar a

¹ Estudante de Licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Parque da Ciência.

² Estudante de Licenciatura em Física na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bacharelado em Enfermagem pela instituição Anhanguera; Parque da Ciência.

³ Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); Parque da Ciência.

⁴ Pedagoga, pós-graduada em Comunicação e Saúde pelo Instituto de Comunicação e Informação em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz).

combustão de uma vela e o consumo de oxigênio. Os materiais utilizados foram: copo de vidro, vela, prato e água. Durante o desenvolvimento, a vela foi colada no prato com um pouco de cera derretida. Em seguida, foi colocada água no prato, a vela acendeu e foi coberta com um copo de vidro, como mostra a Figura 1.

Imagem 1: Experimento da vela na Bancada de Pasteur (Museu da vida Fiocruz)



Imagem 2: Experimento da vela na Bancada de Pasteur (Museu da vida Fiocruz)

A vela começa a apagar, e a água entra no copo, como mostra a Figura 2. O ar quente, que envolve a vela, resfria-se à medida que a vela apaga, então a pressão dentro do copo vai ser menor, e a água é empurrada para dentro do copo pela pressão atmosférica. A vela apaga porque não existe dentro do copo O_2 para se transformar em CO_2 .

Todos foram convidados a observar a chama dançando. O brilho nos olhos das crianças era incrível, e logo percebi que estavam completamente envolvidas. Assim, iniciamos o bate-papo abordando a importância que o fogo e o oxigênio têm. Assisti com entusiasmo enquanto cada uma delas, com olhares curiosos, fazia perguntas e tentava entender o que estava acontecendo: "Por que a vela está apagando?"; "Por que a água

está subindo?”. Após as explicações, as crianças deram saltos de alegria, e algumas até aplaudiram. Esse experimento não apenas mostrou uma reação química simples, mas também se tornou um momento de aprendizado coletivo. Todos estavam muito concentrados, ampliando o debate e expressando suas ideias (Sasaki, 2009).

Percebemos que, mesmo em um espaço onde poderiam se sentir desconfortáveis, a química da vela criou um ambiente de curiosidade e descoberta. Essa experiência me ensinou que, com a abordagem certa e um pouco de criatividade, é possível transformar o aprendizado em uma aventura emocionante, cheia de descobertas e surpresas. Fica claro, portanto, que as mediações desenvolvidas constatarem a afeição do público com os registros e a comoção ao acolhê-los pela instituição. Assim, para além de um local de educação, o Museu da Vida Fiocruz caracteriza-se também como um espaço aberto à emoção e à afetividade.

Referências

SASSAKI, Romeu Kazumi. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação (Reação)**, São Paulo, ano XII, p. 10-16, mar./abr. 2009. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/211/o/SASSAKI_-_Acessibilidade.pdf?1473203319. Acesso em: 16 out. 2024.

Relato de experiência a partir de práticas educacionais voltadas para a arqueologia no espaço museal

Marcela Milão Luna de Araújo¹

Orientadores: Luciana Sales²

Com o desígnio de relatar as experiências realizadas nos eventos para o público do Museu da Vida Fiocruz, este texto conta com dados oriundos dos dias 25 de maio e 5 de outubro de 2024 como escopo final. Dando início ao entendimento de arqueologia pública, que é um campo da arqueologia que visa tornar o conhecimento arqueológico acessível e relevante para o público em geral, busca-se integrar as comunidades locais e a sociedade no processo de pesquisa, preservação e interpretação do patrimônio arqueológico. Essa abordagem promove a participação ativa da comunidade, o diálogo e o envolvimento com a história e o patrimônio cultural.

Os objetivos da arqueologia pública incluem a conscientização sobre a importância da preservação do patrimônio, a criação de uma arqueologia mais inclusiva e participativa, e a valorização do conhecimento tradicional e das perspectivas das comunidades envolvidas. Em resumo, a arqueologia pública amplia o alcance da arqueologia, indo além do meio acadêmico e promovendo um acesso mais democrático e compartilhado ao conhecimento histórico e arqueológico. Com essa compreensão breve do ramo, a arqueologia tende a interagir com a comunidade e grupos sociais, e objetivando o conceito de um espaço museal como é o de preservar, investigar e expor objetos e conhecimentos que possuem valor histórico, cultural, artístico ou científico. Assim, ela busca:

- . Conservar o patrimônio: proteger e conservar peças e documentos para as futuras gerações, preservando a memória cultural e histórica.
- . Educação e conhecimento: servir como fonte de aprendizado e pesquisa, promovendo a educação por meio de exposições, palestras e oficinas.
- . Promoção cultural: estimular o interesse cultural e artístico da sociedade, proporcionando acesso a diferentes perspectivas e histórias.
- . Inspiração e criatividade: motivar a apreciação das artes e da ciência, inspirando criatividade e novas formas de pensar.

¹ Estudante de Graduação em Arqueologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista do Museu da Vida Fiocruz, Parque da Ciência.

² Pedagoga, especialista em Comunicação e Saúde pelo ICICT e educadora do Museu da Vida Fiocruz

A ela, une-se também a arqueologia patrimonial, que é uma área da arqueologia dedicada ao estudo, conservação e gestão do patrimônio arqueológico, considerando não apenas os vestígios materiais, mas também seu contexto cultural e relevância para as comunidades contemporâneas. Esse enfoque prioriza a proteção do patrimônio arqueológico como um recurso cultural e social, promovendo a valorização e a sustentabilidade desses bens. Na arqueologia patrimonial, o objetivo é garantir que os sítios e artefatos arqueológicos sejam preservados para as gerações futuras, ao mesmo tempo em que se facilita o acesso e a compreensão pública desses bens culturais. Isso inclui atividades como a investigação, a escavação controlada, a catalogação, além do trabalho com comunidades locais para fomentar o respeito e a compreensão do valor histórico e cultural desses bens.

Alguns aspectos fundamentais da arqueologia patrimonial incluem:

- 1. Gestão do patrimônio: desenvolvimento de políticas e práticas para proteger sítios arqueológicos e objetos históricos.*
- 2. Conservação: técnicas de preservação de vestígios arqueológicos, como a restauração de artefatos ou estruturas antigas.*
- 3. Educação e divulgação: criação de programas educativos, museus e espaços de interpretação para compartilhar descobertas com o público.*
- 4. Ética e legalidade: às leis de proteção ao patrimônio, aos direitos das comunidades e ao manejo ético dos sítios arqueológicos.*
- 5. Turismo patrimonial: planejamento de atividades turísticas responsáveis que permitam o acesso ao patrimônio sem danificá-lo.*

Esse campo é essencial para preservar o legado cultural das sociedades antigas, ajudando as pessoas a entender e valorizar suas raízes culturais e promovendo uma conexão mais profunda com a história. Com a integração dos conceitos citados anteriormente, foram desenvolvidas atividades práticas com o intuito de aproximar o campo social e público, tornando essa experiência palpável ao conhecimento comum, tornando essa vivência orgânica e inclusiva para o entendimento público.

Imagem 1, 2 e 3: detalhes da realização das atividades



Micromundo e as vivências no macromundo

Pedro Henrique Duarte da Silva¹ e Máyra Paula Costa Ludgerio²

Orientadora: Maria Paula Bonatto³

Esta narrativa tem como objetivo provocar reflexões sobre vivências de um graduando de Ciências Biológicas na área interna do Parque da Ciência, também chamada de Pirâmide, onde há um espaço dedicado aos menores níveis de organização da vida, referenciados pelos profissionais da área da Biologia como microbiologia.

No processo da construção do espaço museológico, foi proposto o objetivo educativo de despertar o interesse e promover o diálogo público em ciência, tecnologia e saúde, inserindo o contexto histórico e social, promovendo a cidadania como dimensão da produção social da saúde (Fundação Oswaldo Cruz, 2023, p. 20). Entre as figuras exercidas no ambiente museal, destaca-se a do mediador, que, além de atuar como “ponte” que propõe conexões entre os objetos do acervo e os visitantes, auxilia na construção de problematizações acerca dos objetos, fazendo com que se crie o campo de percepção em torno das dimensões históricas, sociais e políticas de cada objeto ou equipamento.

No Museu da Vida Fiocruz, é incentivado que isso seja feito por meio da pedagogia da pergunta, como propõe Paulo Freire em sua obra *A pedagogia da pergunta* (1997). Diante disso, decidimos refletir e relatar experiências vividas no âmbito do espaço “micromundo”, com ênfase na mediação do equipamento *Proporções Microscópicas*, que reúne um móvel, uma almofada na forma de hemácia e uma legenda multimídia. O móvel e a hemácia são constituídos por modelos que mantêm cientificamente as proporções microscópicas expressas em tamanhos ampliados, de modo a possibilitar uma demonstração visual desses elementos no mundo macroscópico.

Conforme preparávamos as ações educativas de mediação, nos sentimos motivados a reaprender sobre microbiologia, em especial sobre as células que compõem o corpo humano, até os vírus. Outro desafio foi equacionar as informações apresentadas na legenda multimídia como parte de minha estratégia de mediação, traduzindo

¹ Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas no Centro Universitário São José (USJ); mediador do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Graduação em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF); mediador do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

³ Doutora em Saúde Pública, mestra em Filosofia da Educação e bióloga. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

informações científicas para uma linguagem simples, adaptada para diferentes faixas etárias e públicos.

Imagem 1: Equipamento denominado “Proporções Macroscópicas”, conjunto composto por móbile, sofá que simula uma hemácia ampliada e aparelho multimídia com tela tátil



Fonte: os autores

Ao se depararem com o enorme sofá vermelho no centro da sala, convido os visitantes a terem a visão ampla dos objetos dispostos no móbile que fica logo acima do observador: “Tal estratégia enriquece as reflexões no campo da saúde. Unindo arte e ciência, criou-se um ambiente de imersão afetiva: a hemácia é um sofá que permite que o visitante se deite para contemplar o móbile” (Lopes et al., 2019, p. X).

A mediação se inicia quando convido os visitantes a analisarem o ambiente em que se encontram. Após uma breve demonstração dos aparatos presentes, indico a semelhança das figuras apresentadas àquelas observadas no monitor, iniciando, dessa forma, o processo de busca do saber, proporcionando a troca de conhecimentos entre mediador e público.

Observando a diversidade de visitantes que adentram o espaço da Pirâmide do Parque da Ciência, entendo que me foi ofertada a oportunidade de interações únicas. Apesar do meu período de atuação se limitar a apenas dois dias por semana, obtive experiências enriquecedoras para minha vida pessoal e profissional, atraindo positivamente meu olhar para o potencial educativo da divulgação científica. Dentre essas

vivências, destaco conversas que tive com duas senhoras trabalhadoras da área da saúde e algumas conversas envolvendo o público infantil, tanto por visitas livres como agendadas, sendo este o caso das escolas que costumam visitar o museu.

Em uma tarde de quinta-feira, instantes antes do meu horário de almoço, duas senhoras passavam pelo espaço e vieram até mim após terem sido atraídas pelos modelos no ambiente, me questionando sobre seu objetivo. Enfatizei a importância dos seres de escala microscópica presentes no ambiente, como a hemácia. Mencionaram sobre suas áreas de atuação, e, por ambas serem enfermeiras, aproveitei para mostrar algumas peças que a princípio não haviam notado, como a presença do coronavírus em sua representação macroscópica no móbil, estando colorido como uma estratégia educativa, com suas estruturas proteicas representadas por hastes verdes e corpo vermelho e arredondado.

Seguindo com nossa troca de saberes, apresentei-lhes nossa legenda multimídia localizada em um computador com tela tátil. Ao entrar em contato com a tela, mostrei-lhes as informações que se referem aos vírus, bactérias e células dispostas no ambiente. As visitantes levantaram questões sobre a vacina antirrábica, então apresentei-lhes a ilustração do vírus e as informações sobre ele que estão atualmente na legenda multimídia, desde os sintomas da doença até as características da vacina tanto para pré-exposição como pós-exposição, sendo este segundo caso variável em relação ao período em que houve o contato com o animal infectado. O texto multimídia também aborda sobre quem possui prioridade no tratamento, que são os profissionais que trabalham com animais silvestres, como biólogos, médicos veterinários, profissionais de laboratório de anatomopatologia veterinária, agronomia, zootecnia, dentre outros.

Das dúvidas tratadas ao longo do diálogo, aprendi muito sobre as experiências das visitantes em seu cotidiano como profissionais importantes para o cuidado e auxílio no tratamento de pacientes em situação hospitalar. Outra lembrança dessas visitas agendadas que me traz emoção ocorreu após a oficina “Há vida numa gota d’água?”, quando estudantes foram até mim e pediram para que lhes explicasse sobre a legenda multimídia. Então, conforme fui indicando as imagens obtidas em microscopia e comparando com os modelos dos aparatos que compõem o micromundo, percebi o olhar radiante das crianças. Ao nos aproximarmos do horário da saída, uma aluna

veio me dizer que naquele dia realizou um grande sonho, pois sempre tinha desejado manusear um microscópio, assim como os cientistas fazem.

Por meio dessas experiências, como graduando em licenciatura, me vejo cada vez mais inserido em experiências que me enriquecem profissionalmente e como indivíduo.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. **Normas técnicas de profilaxia para raiva humana**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/svsa/raiva/normas-tecnicas-da-profilaxia-da-raiva-humana.pdf/view>.

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. Casa de Oswaldo Cruz. Museu da Vida. **Museu da Vida Fiocruz: plano museológico 2023-2026**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023. Disponível em: <https://museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/2285-tcc-81>.

LOPES et al. **Mundo unicelular: descobrindo a modelagem para abordar proporções microscópicas e saúde no Museu da Vida/Fiocruz**. 2019. Disponível em: <https://abrapec.com/enpec/xii-enpec/anais/resumos/1/R2019-1.pdf>.

Mediação no teatro: uma proposta dialógica para refletir sobre a formação do espectador

Rodrigo da Silva Carvalho Augusto¹, Caio Cezar Gonçalves dos Santos², Rita de Kássia dos Santos Dias³,
Sabrina Neves Madeira Gomes⁴

Orientadores: Kailani Tavares Guimarães⁵ e Pablo Ribeiro de Aguiar⁶

Jacques Rancière (2012) diz que, no teatro, há o que ele chama de paradoxo do espectador. Ele afirma que não há teatro sem espectador e explica que é um mal ser espectador por duas razões.

Primeiramente, olhar é o contrário de conhecer. O espectador mantém-se diante de uma aparência, ignorando o processo de produção dessa aparência ou a realidade por ela encoberta. Em segundo lugar, é o contrário de agir. O espectador fica imóvel em seu lugar, passivo. Ser espectador é estar separado, ao mesmo tempo, da capacidade de conhecer e do poder de agir. (Rancière, 2012, p. 8).

A partir dessa colocação, podemos refletir um pouco sobre a proposta do espetáculo *É o Fim da Picada* (2017), do Museu da Vida Fiocruz, e o processo de formação dos seus espectadores. O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o espetáculo supracitado, apresentado pelos bolsistas do Museu da Vida Fiocruz atuantes no projeto *Ciência em Cena*, na formação do espectador jovem e estudante dos ensinos fundamental e médio. A proposta tem o interesse de explorar como o teatro, aliado a temas científicos e sociais, pode desenvolver um olhar crítico e engajado nos estudantes que participam da atividade. A peça é um conjunto de números (cenas curtas) de humor que compõem toda a obra teatral, abordando como tema as arboviroses, doenças causadas por mosquitos, em específico o mosquito *Aedes aegypti* e as doenças dengue, zika e chikungunya, comuns no meio urbano.

¹ Estudante de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista de Teatro no Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Licenciatura em Teatro na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista de teatro no Museu da Vida Fiocruz.

³ Estudante de Bacharelado em Atuação Cênica na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista de teatro no Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Estudante de Bacharelado em Atuação Cênica na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista de Teatro no Museu da Vida Fiocruz.

⁵ Mestra no Programa de Pós-Graduação em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde pela Casa de Oswaldo Cruz; teórica e artista de teatro. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

⁶ Bacharel em Interpretação Teatral, ator, palhaço e artista de teatro. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida

A peça *É o Fim da Picada*, desde sua mediação antes da apresentação propriamente dita até o encerramento – onde o público, usualmente, se aproxima dos atores para tirar fotos ou comentar sobre sua experiência –, possui um caráter que pode tirar o espectador desse lugar passivo exposto por Rancière. No ambiente museológico, onde conhecimento e experiência sensorial se misturam, o teatro apresenta uma possibilidade única de aprofundar temas complexos de forma lúdica. A dramaturgia utilizada permite que os jovens espectadores se envolvam com questões críticas, sociais e científicas, muitas vezes desafiadoras, mas apresentadas de maneira acessível e provocativa.

A questão central deste estudo é: como uma peça teatral seguida de debate pode contribuir para a formação do espectador? A pesquisa deseja investigar como o teatro, aliado ao diálogo posterior, pode incentivar reflexões e aprendizagens que extrapolam a experiência artística imediata. Ao unir dramaturgia e interação, a iniciativa permite uma experiência educacional que vai além do conteúdo formal, proporcionando aos jovens espectadores ferramentas críticas para analisar e questionar o mundo ao seu redor. Para isso, as obras *Travessias do espectador escolar na contemporaneidade: concepções e reverberações do ato de fruir teatro*, de Patrícia Gusmão Maciel, e *O espectador emancipado*, de Jacques Rancière, se fazem importantes no desenvolvimento teórico.

O estudo propõe observar a experiência do público durante a exibição da peça e o debate posterior, analisando o nível de interesse e engajamento dos estudantes ao longo da atividade. Além disso, visa compreender de que maneira os temas apresentados na peça são interpretados e absorvidos pelos jovens espectadores, avaliar o impacto da mediação no processo de formação do espectador e explorar mudanças nas percepções dos jovens sobre os temas abordados. Para atingir esses objetivos, propõe-se a elaborar um roteiro de mediação que oriente a interação com o público, desde o início até o encerramento das apresentações, especificamente para este estudo. Esse roteiro será aplicado durante uma semana de pesquisa, em que o espetáculo será exibido para seis escolas em horários escolares, com uma média de uma turma por apresentação. Após cada exibição, será realizado um debate com os estudantes, permitindo que compartilhem suas impressões e discutam o conteúdo da peça de maneira livre. Neste roteiro, deseja-se incluir perguntas antes e após a apresentação que sejam relacionadas às suas expectativas, conexões com o tema, impressões iniciais, relação com o mundo real,

ação e um feedback sobre a mediação. Após a realização desse processo, propõe-se a escrita de um relatório sobre a pesquisa, apontando os resultados positivos e negativos apresentados na aplicação do roteiro proposto.

Espera-se que a pesquisa proporcione uma compreensão mais clara sobre o interesse dos jovens por obras teatrais que abordam temas científicos e sociais. Ao entender os efeitos dessa experiência teatral no público estudantil, a expectativa é que o estudo revele como o teatro pode estimular a curiosidade, o engajamento e a construção de um pensamento crítico sobre questões relevantes para a sociedade. Além disso, espera-se que o contato com a arte e com o debate crítico ofereça aos jovens uma nova perspectiva sobre a função social do teatro. Esse processo de formação do espectador jovem almeja não apenas fomentar o gosto pelo teatro, mas também consolidar a capacidade dos estudantes de enxergar a arte como uma linguagem para expressar e transformar a realidade.

Referências

MACIEL, Patrícia Gusmão. **Travessias do Espectador escolar na contemporaneidade: concepções e reverberações do ato de fruir teatro.** Revista aSPAs, São Paulo, v. 6, n. 1 p. 114-125, jun. 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado.** Trad. Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

Precarização do trabalho e realidade social do Rio de Janeiro em debate nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz

Ana Carolina Santos de Jesus¹ e Celso Cândido de Almeida²

Orientadores: Renata de Oliveira Rodrigues³ e André da Cruz Oliveira⁴

A exposição *Manguinhos território em transe: novos encontros e diálogos* apresenta, por meio de fotografias, uma série de imagens que retratam a realidade social e racial do Rio de Janeiro. Chamaremos atenção para uma placa em especial que é a de número onze, que possui dois títulos principais, frente e verso, que são: “Trabalho digno chega para quem?” e “Por que não temos o mesmo acesso ao trabalho?”. Essa placa introduz um debate sobre as categorias do que representaria um trabalho digno. A imagem de um homem negro com biscoitos pendurados no pescoço, que são produtos de venda do seu trabalho, é uma das principais imagens que mais chamam atenção dos alunos na itinerância nas escolas.

Quando oferecemos a exposição *Manguinhos território em transe: novos encontros e diálogos* para as turmas selecionadas das escolas parceiras, a placa número onze é sempre destacada pelos alunos para introdução dos debates. No primeiro momento, abrimos a reflexão sobre os objetivos sugeridos na imagem com as seguintes perguntas: “Esse trabalho é digno ou não é digno?” e “Esse trabalho é uma condição ou uma escolha?”. Já presenciemos muitas respostas como “Não é digno, professora, porque ele não escolheu trabalhar assim!”, “É digno, professora, porque é o meio de sustento dele para ajudar a família” e “A maioria das pessoas que trabalham assim são negras, porque existe o racismo”. Todas as motivações de cada resposta dos alunos têm os seus aspectos sociais, que são atravessados pela realidade coletiva e individual de cada um.

¹ Bacharela em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), graduanda em História pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (ProPat) no Museu da Vida Fiocruz, na Ações Territorializadas.

² Estudante de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atua como bolsista CNPq no Laboratório de Ciências Sociais Aplicadas (LabCiSA) e bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (ProPat) no Museu da Vida Fiocruz, na Ações Territorializadas.

³ Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM); atua como educadora nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Graduado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); atua como educador nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

As condições de vida dos alunos são atravessadas pelas desigualdades social e racial, que lamentavelmente condicionam uma maioria significativa aos postos precários de trabalho e ensino. Nesse caso, tratemos o chão da sala de aula como parte integral do chão da sociedade que vivemos coletivamente e que se reflete na convivência escolar entre todo o corpo estudantil. Na prática, isso se liga ao racismo histórico da sociedade brasileira e ao aprofundamento constante da precarização do trabalho. Em níveis mais extremos da realidade, o problema dessa precariedade alcança o seu ápice quando finalmente é banalizado.

Quando um aluno responde que é um trabalho digno e outro responde que não, quem está errado nisso? Certamente, o grande responsável dessa problemática toda é o próprio Estado, visto que é na organização da política e da economia que o Estado se organiza e é o incentivador de todas as contradições e violências sociais que são apresentadas à grande maioria das pessoas pobres, negras, moradoras de favelas e periferias. Justamente por esse motivo, não há certo ou errado na resposta, porque os estudantes trazem essa afirmação a partir de uma problemática social que é parte da realidade experienciada por eles.

Em uma sociedade marcada por desigualdade social e racismo, no mundo do trabalho, qual é o lugar do negro? Por que, historicamente, a classe dominante reserva ao conjunto dos negros o trabalho precário, como o informal e a terceirização? A contradição da economia capitalista e o seu desenvolvimento em si mesma levam à sua própria miséria. É impossível o capitalismo desenvolver as suas forças produtivas sem gerar desigualdades e contradições, porque isso é um fato da própria dinâmica entre as duas classes, trabalhadora e burguesia.

Com base nesses dados, a OIT⁵ afirma que a grande marca do mercado de trabalho mundial atual é a precariedade: “em resumo, o modelo do emprego padrão [estável e de tempo integral] é cada vez menos representativo do mundo do trabalho atual, pois menos de um em cada quatro trabalhadores está empregado em condições correspondentes a esse modelo”. (Mattos, 2019, p. 74).

⁵A Organização Internacional do Trabalho (OIT) é uma agência da Organização das Nações Unidas (ONU).

Há um peso profundo no que se refere à população negra, em especial, as mulheres, que são brutalmente oprimidas por exploração, racismo e opressão de gênero. Assim, o que se explica dessa realidade é, justamente, a lógica de funcionamento do capitalismo, que necessita da miséria e da pobreza para subsistir. Dentro desse conjunto de aspectos, o que podemos supor de problemas sociais e políticos para a placa onze ser tão escolhida?

A reforma trabalhista, a da previdência e a do ensino médio são políticas institucionais que buscam aprofundar e justificar, por meio das leis, a exploração do trabalho e a miséria social. E, de novo, no sistema em que vivemos, as principais vítimas são os negros e os pobres. Esse é um dos vários motivos que os fazem ocupar postos trabalhos informais e com menos direitos, sendo uma manifestação comprovada do racismo na economia capitalista brasileira.

A partir dessas considerações, digamos que o trabalho precário é, minuciosamente, pensado e articulado para ser assim, e não só isso: esse tipo de trabalho mal qualificado é tão bem articulado socialmente que possui bases institucionais, com as instituições do Estado sendo incentivadoras ativas dessa lógica de manutenção social. Quando a reforma do ensino médio é articulada nacionalmente para ser, antes de tudo, implementada nas escolas públicas, trata-se de uma medida preventiva para precarizar as condições de estudo e ensino e, assim, justificar os postos precários de trabalho do presente e do futuro.

O trabalho precário é um dos principais temas debatidos nas itinerâncias das Ações Territorializadas nas escolas públicas. É, antes de tudo, um sintoma dessa geração de novos trabalhadores marcados por todas essas condições de negação de direitos. E apostamos que essa será a mesma geração que vai lutar e se posicionar contra isso, questionando as raízes desigual e racial desse sistema social.

Referências

FARIAS, S. K. P. A CLASSE TRABALHADORA: DE MARX AO NOSSO TEMPO. **Revista Da ABET**, 2021. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/resource/condicoes-de-trabalho>.

MATTOS, Marcelo Badaró. Trabalhadoras e trabalhadores no dia de hoje. In: MATTOS, Marcelo Badaró. **A classe trabalhadora: de Marx em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Boitempo, 2019.

Antropoceno em jogo: reflexões e ações para um futuro sustentável

Ana Cecília da Silva Pereira¹, Carlyne de Freitas de Oliveira², Gabriel Lucas Marins³, Thais de Sousa Saraiva⁴ e Victória Elisia Vieira Martins⁵

Orientadoras: Suzi Santos de Aguiar⁶ e Anna Costadella⁷

O sistema global, cada vez mais, vem seguindo uma projeção de desenvolvimento seguindo o modelo exploratório, visando ao lucro. Neste Capitaloceno, estamos indubitavelmente caminhando para um cenário de colapso socioambiental (Vizzacaro-Amaral; Alves, 2021). Os produtos dessa crise se manifestam por meio de extensas queimadas, perda de habitats e de biodiversidade, aquecimento global, poluição hídrica e atmosférica, enchentes, deslizamentos, fome, entre outros desafios, e seus impactos recaem de forma desproporcional sobre comunidades étnicas e populações mais vulneráveis devido ao racismo ambiental presente na sociedade (Lima, 2020).

Com esse cenário extremamente preocupante, a Organização das Nações Unidas (ONU) elaborou 17 objetivos para o desenvolvimento sustentável, onde um deles se refere à garantia de educação de qualidade. Dentro do grande guarda-chuva “Educação”, temos um subtema, a Educação Ambiental (EA), que trabalha diretamente com as reflexões e busca por resoluções de problemas socioambientais vividos e sofridos nos dias de hoje, como os citados. Pela EA apresentar esse objetivo, acredita-se que, por meio de uma educação ambiental contínua, as pessoas podem formar uma consciência ecológica crítica, tanto crianças como adolescentes, adultos e idosos, buscando a valorização e preservação do meio ambiente, pois é muito importante que se tenha um desenvolvimento sustentável para que se possa desfrutar do meio ambiente sem extinguir seus recursos (Toledo; Meyne, 2013).

A EA pode e deve ser trabalhada em diversos locais de aprendizagem, sejam eles formais, não formais ou informais. Dentro dessa eminente urgência, os museus apresentam um papel importante nessa busca pela EA. Segundo o Conselho Interna-

¹ Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Conjunto Histórico.

² Estudante de Licenciatura em História na Universidade Federal Fluminense (UFF); Conjunto Histórico.

³ Estudante de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ); Conjunto Histórico.

⁴ Estudante de Bacharelado em Ciências Biológicas na Universidade Estácio de Sá (UNESA); Conjunto Histórico.

⁵ Estudante de Licenciatura em Geografia com ênfase no Meio Ambiente na Universidade do Estado Rio de Janeiro - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (UERJ/FEBF); Conjunto Histórico.

⁶ Mestra em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde; pedagoga e historiadora. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

⁷ Mestra em Teoria da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

cional de Museus (ICOM), os museus são instituições permanentes, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertos ao público e que adquirem, conservam, estudam, comunicam e expõem testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição (Marinho, 2022). Visto que os museus são uma ferramenta da educação não formal, que conseguem dialogar com um público sem ficarem “presos” à escola ou ao currículo escolar e que podem ofertar interligações sociais com os visitantes, possibilitam a construção de diversos conhecimentos que estão ou não relacionados aos conteúdos trabalhados nas escolas e na área da Educação Ambiental. A partir de suas exposições e atividades, cada espaço museal traz diferentes temas. Assim, esses espaços desempenham um papel importante para despertar a conscientização e a discussão de temas relacionados à EA, pois trabalham os temas de diferentes formas.

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a proposta de atividade para a exposição Vida e Saúde Relações (In)Visíveis, que ocupa o prédio da antiga Cavalaria e que faz parte do Conjunto Histórico. A atividade consiste em um jogo de tabuleiro, a ser realizado no módulo da exposição “Antropoceno” – esse módulo tem como temática a interface entre a ação humana, a natureza e a crise planetária. Neste módulo também é trabalhado o tema da Agenda 2030 trazido pela Organização das Nações Unidas (ONU), cujo tema principal são os impactos ambientais provocados pela ação humana, mas que a humanidade pode também trabalhar em prol de algumas soluções. Assim, o jogo busca promover reflexão sobre os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, conscientizando e sensibilizando os participantes sobre sua participação ativa na construção de um futuro mais sustentável.

A atividade está sendo elaborada para o público a partir de 11 anos e poderá ser realizada com grupos escolares ou grupo de visitantes livres. No início, há uma breve introdução sobre crise climática a partir da exibição de vídeos que já são projetados na sala do módulo do Antropoceno. Após esse momento, os mediadores abrem para uma conversa com os participantes e dão início ao jogo. Trata-se de um jogo de perguntas e respostas com a utilização de pranchas de imagens que vão compor o cenário do tabuleiro, que será a própria mesa do Antropoceno. Pode ser jogado por até 16 participantes, divididos em dois grupos de oito. Cada grupo receberá um conjunto de perguntas e imagens. Um grupo pergunta ao outro, que tentará responder e apresentar a imagem

correspondente à pergunta. Caso o grupo acerte, a imagem é colocada na mesa do Antropoceno, seguindo assim até que toda a mesa esteja com as imagens, formando a impressão sobre os diferentes aspectos dos impactos ambientais e, também, das possíveis soluções. Junto a esse movimento, serão trabalhados os 17 objetivos da Agenda 2030, com a utilização da instalação existente também na sala e com o aparato “Globo Mundo Agenda 2030”. Assim, o mediador vai junto ao público construindo novos conhecimentos a partir do jogo, que é uma forma lúdica e interativa de aprendizado.

A intenção com essa atividade é colocar os participantes como agentes diretos no processo de reflexão, para serem protagonistas e pensarem sobre os impactos ambientais que a sociedade capitalista provoca. Visamos, por meio da diversão, apresentar a Agenda 2030 e promover uma reflexão mais ativa em relação aos impactos deste Capitaloceno no nosso meio ambiente.

Referências

LIMA, Jacqueline Girão. ECOsocialismo ou barbárie? Apontamentos em tempos de pandemia. **Revista Novamérica**, n. 166, p. 78-82, abr./jun. 2020. Disponível em: <http://www.novamerica.org.br/ong/?p=1521>. Acesso em: 12 out. 2024.

MARINHO, Pedro. **O museu como estratégia de educação ambiental**: um estudo do Instituto Ricardo Brennand. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação Tecnologia em Gestão Ambiental) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco, Recife, 2022.

TOALDO, A. M.; MEYNE, L. S. A educação ambiental como instrumento para a concretização do desenvolvimento sustentável. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, n. 8, p. 661-673, 2013. DOI: <https://doi.org/10.5902/198136948393>. Acesso em: 12 out. 2024.

VIZZACCARO-AMARAL, A. L.; ALVES, G. (org.). **Trabalho, saúde e barbárie social**: pandemia, colapso ecológico e desenvolvimento humano no século XXI. São Paulo:

Elaboração de roteiro para mediação no Castelo Mourisco utilizando o cordel: o Castelo da Fiocruz

Gabriel Evangelista de Souza¹ e Giovana Gil²

Orientadora: Suzi Santos de Aguiar³

A mediação da visita no Castelo Mourisco segue um roteiro que se inicia expondo o contexto histórico da época de 1900, quando a Instituição ainda era chamada de Instituto Soroterápico Federal, trazendo os objetivos que dão início à instituição, assim como sua importância para a saúde no Brasil e toda a repercussão que isso traz desde a sua fundação até os dias de hoje. As visitas ao Castelo podem ser mediadas com diferentes dinâmicas. Com as atividades do “Avental de Contação de História” e da “Maleta do Chagas”, a nossa ideia é trazer mais um método para contar essa história durante a visita, utilizando o cordel sobre o Castelo feito pelo Leo Salo, para, assim, oferecer uma forma diferente de transmitir e observar toda essa trajetória, fazendo uma visita mediada em que, durante a caminhada pelo Castelo, se leem os versos do cordel e, com base em cada um deles, é dada uma contextualização dentro da mediação que já é costumeiramente apresentada, buscando assim trazer uma nova perspectiva para a visita.

A atividade será feita com visitantes do Castelo e com visitantes livres, independentemente de suas idades. Cada participante receberá um cordel e poderá acompanhar a leitura enquanto faz o percurso dentro do castelo. De início, é importante trazer indagações que possam incitar algumas dúvidas e curiosidades aos visitantes, com questões que muitas vezes o público já pode ter sobre o Castelo, como, por exemplo, de onde vêm suas inspirações, o motivo de Oswaldo Gonçalves Cruz escolher um castelo como sede da instituição, se já morou alguma pessoa no prédio e como surgiu a ideia de construir um castelo nesta região. Depois, abordam-se as inspirações de outros lugares do mundo que estão presentes no castelo, como a Sinagoga de Berlim e o Palácio de Alhambra, em Granada, na Espanha; sobre Luiz de Moraes Júnior, o arquiteto do castelo; assim como de onde vem a ideia inspiradora para a maior parte do castelo ter uma arquitetura mourisca.

¹ Estudante de Graduação em Antropologia na Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista ProPop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Graduação em Filosofia na Universidade Federal Fluminense (UFF); bolsista ProPop no Conjunto Histórico do Museu da Vida Fiocruz.

³ Mestre em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde; pedagoga e historiadora. Atua no Serviço de Educação do Museu

No cordel, a narrativa acompanha a edificação do castelo andar por andar: inicia-se pela pedra fundamental, situada na base da construção, segue pelos bustos dispostos na fachada e percorre todo o prédio. A leitura do cordel conduz o leitor por esse percurso ascendente, revelando, a cada etapa, informações sobre o contexto político, social e geográfico da época, ao mesmo tempo em que destaca a importância da Fiocruz na atualidade.

Em seguida, o cordel continua a falar da arquitetura, revelando sobre as viagens feitas por Oswaldo e por Luiz de Moraes ao exterior em busca de novas ideias para serem aplicadas na edificação que estava sendo planejada. Fala-se, também, sobre a compra dos aparatos utilizados no castelo, informando que a maior parte do material foi importada de países como Alemanha, Bélgica, Portugal, França e Itália, com pouquíssima coisa propriamente nacional – a pedra fundamental, por exemplo, veio da pedreira que havia em Manguinhos, e a madeira é nobre, do próprio território brasileiro.

Após o panorama sobre as fundações da instituição, há um aprofundamento no contexto social da época. No começo do século 20, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil. O centro da cidade passava por uma grave crise sanitária e era assolada por várias doenças. Dentre elas, havia três que se destacavam, causando verdadeiras epidemias, principalmente entre as populações de imigrantes: febre amarela, peste bubônica e varíola. O cordel explica que é nesse período que foi criado o Instituto Soroterápico Federal, cuja primeira sede foi a fazenda de Manguinhos, que se localizava onde hoje está o Conjunto Histórico da FioCruz, o complexo de edificações mais antigo da instituição. O castelo foi o terceiro prédio a ser construído – depois vieram o Pavilhão da Peste e a Cavalariça, sucessivamente. Sua construção teve início em 1905 e foi finalizada 13 anos depois, em 1918, um ano após a morte de Oswaldo Cruz, que falecera aos 44 anos de insuficiência renal. Ele já se encontrava aposentado da Instituição e era o prefeito da Petrópolis – o segundo prefeito da cidade.

O cordel avança apresentando todas as medidas que foram tomadas por Oswaldo Cruz para tratar das doenças e a repercussão que isso causou. Fala sobre a resistência da população contra as medidas preventivas que estavam sendo aplicadas, tendo como estopim a Revolta da Vacina, que fez com que o sanitarista revogasse suas medidas sanitárias e se retirasse do seu cargo de diretor-geral da Saúde Pública em 1904. No entanto, ele retornaria após outro surto de varíola, que assolou

a cidade em 1908 e que fez com que suas medidas fossem vistas pela população de maneira diferente. Depois, fala sobre o impacto que esses fatos trouxeram para a construção do castelo e como isso está ligado à importância da divulgação científica e à relevância de ter a população informada e ao lado da ciência.

Além disso, prossegue falando sobre o funcionamento do castelo na época em que ele era o primeiro complexo de laboratórios do Brasil. No térreo encontrava-se a carpintaria, o gerador, a tipografia, a serralheria, além da produção e distribuição de vacinas e soros. No primeiro andar estavam as salas de aula de microbiologia, a assessoria, a sala do zelador, a vidraria e a oficina. No segundo andar havia a sala de Oswaldo Cruz e laboratórios para pesquisa. Já no terceiro andar, até hoje se encontra a biblioteca de obras raras e a sala de exposições, que antigamente portava a primeira coleção patológica nacional. No quarto andar, também conhecido como andar secreto, ficava o laboratório de fotografia. No quinto andar, onde atualmente fica a presidência da fundação – onde o presidente e seu gabinete atuam –, antigamente havia os dormitórios do castelo. O cordel finaliza dizendo que a fundação continuou crescendo e que hoje é um patrimônio de orgulho nacional.

O objetivo desta atividade é construir um novo roteiro para ser aplicado com os visitantes de todas as idades que vêm visitar o Castelo, tanto visitantes livres quanto grupos agendados. Tem como foco trazer uma nova dinâmica para a forma que os visitantes escutam a história do castelo e as histórias da instituição a qual estão visitando.

Referências

SALO, Leo. **O Castelo da Fiocruz**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Museu da Vida, 2016. 10 p. il. Folheto de Cordel.

Rota dos insetos: uma proposta de educação ambiental e científica focada na importância dos insetos – em especial, os polinizadores

Karina Porto da Luz Chianello¹

Orientadora: Suzi Santos de Aguiar²

O presente trabalho busca propor uma nova atividade para o Museu da Vida Fiocruz. Ele tem a intenção de trazer para o diálogo com o público visitante do museu a importância dos insetos para a natureza e para nossa sobrevivência. No percurso serão abordados temas como: a identificação dos insetos, a diversidade desse grupo de animais, o seu processo de vida, sua importância para a manutenção da biodiversidade e sua importância para a manutenção de um ambiente saudável, dando foco nos grupos de polinizadores.

Os insetos são essenciais para o equilíbrio do ecossistema terrestre, pois desempenham diversos papéis importantes na natureza – como a polinização, que é fundamental na reprodução das plantas. Nesse caso, os insetos são os responsáveis por transportar o pólen entre as flores. Esse processo permite que as plantas produzam sementes que são importantes para a manutenção da biodiversidade e frutos que servem de alimentos para outras espécies. A falta de conhecimento pode gerar medo e repulsa, e a Rota dos Insetos vem com a proposta de gerar encantamento no público do Museu, abordando os aspectos científicos desse grupo de invertebrados, propondo uma educação ambiental que explica a importância de protegermos esses indivíduos, de nos aproximarmos desse grupo e perdermos os medos.

O percurso falará dos insetos em geral, mas abordará principalmente dois grupos específicos: os da ordem lepidópteros, que são as borboletas e mariposas, e os da ordem Hymenoptera, que são as abelhas e as vespas – nesse grupo também encontramos as formigas, mas elas não serão abordadas com tanta ênfase.

A Rota dos Insetos é pensada para ter duração de 60 a 80 minutos. A atividade passará por quatro espaços: o Círculo de Conversa, o Borboletário, o Meliponário, que será instalado no Jardim do Pombal, e o painel informativo sobre vespas, no caminho

¹ Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Bacharelado em Ciências Matemáticas da Terra pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Conjunto Histórico.

² Mestra em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde; pedagoga e historiadora. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

de Oswaldo Cruz. Esse é o trajeto idealizado, contudo o grupo visitante pode ser dividido e ser distribuído no caminho para começá-lo de forma aleatória, sem nenhuma perda do processo do conhecimento. Essa flexibilidade foi pensada para não haver perda de tempo quando tivermos um grupo maior do que alguns dos espaços comportam, o que pode gerar um desgaste desnecessário e um afastamento da proposta.

O público-alvo dessa atividade são crianças, adultos e idosos visitantes do Museu, grupos de escolas e demais grupos agendados. A atividade pode ser feita com uma pessoa e, idealmente, até cinquenta pessoas. Não há problema se esse número for excedido, mas isso dependerá da disponibilidade de mediadores para fazer a visita, já que a atividade não tem uma ordem obrigatória, podendo ser feita em ordem aleatória com a divisão em grupos menores.

O local proposto como círculo de conversa é arejado e com sombra, que fica ao lado do Borboletário. Nele serão apresentadas as caixas entomológicas educativas, e será feita uma breve conversa sobre como identificar os insetos, qual a diferença deles para os aracnídeos e demais invertebrados e falar da sua importância para o ecossistema.

No Borboletário os visitantes terão a oportunidade de ter contato e ver de perto as borboletas atualmente disponíveis, que são a Borboleta-brancão (*Ascia monuste*), Júlia (*Dryas iulia*) e Ponto-de-laranja (*Anthocharis cardamines*). Lá falaremos da metamorfose, da vida desses insetos e sobre polinização.

Ao lado da saída do Borboletário, atualmente encontramos um pito, que é a saída de uma colmeia de abelha nativa. Nesse caso, de Tubuna, também conhecida como Mandaguari Tubuna, pertencente ao grupo das Trigonas (sem ferrão). Ele pode ser apontado como uma curiosidade ou usado para falar das abelhas nativas enquanto o Meliponário do Pombal não estiver em atividade.

No Meliponário serão abordadas a diversidade de abelhas, sua importância, seus grupos, além de cada espécie que será encontrada lá e também sobre polinização. Seria interessante que, nesse local ou próximo dele, também se encontrasse um hotel de insetos para atrair abelhas solitárias e aumentar a diversidade de exemplares no percurso.

Por fim, seguimos para o caminho de Oswaldo Cruz, em direção ao painel interpretativo, que fala da vespa-do-figo. Lá, falaremos sobre esse inseto, sobre as figuei-

ras do caminho, a contextualização histórica delas no lugar e o mutualismo figueira vespa – o mutualismo é a associação entre dois seres vivos, na qual ambos são beneficiados, resultando frequentemente em dependência mútua, que é o caso da vespa-do-figo com a figueira.

Ao encerrar o percurso em qualquer um dos setores, é importante que exista um espaço de conversa com o público visitante para tirar possíveis dúvidas e saber o que eles acharam da visita. Essa troca é importante para reforçar o que foi visto e enfatizar sua importância.

A Rota dos Insetos busca aguçar a curiosidade e reduzir o afastamento desses seres tão importantes para a nossa existência. Ela tem o intuito de contribuir com o Museu na educação ambiental e científica dentro do espaço museal do Museu da Vida Fiocruz, levando em conta que esse é um dos principais temas do espaço do Borboletário e do Pombal.

Proposta de roteiro para visita ao Castelo Mourisco com foco nas transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro e as questões de saúde pública

Roberta Kelly Alves Avelino Gouveia¹, Pedro Felipe do Nascimento Silva², João Victor de Oliveira Gonçalves³ e Gabriela Domingos dos Santos⁴

Orientadoras: Suzi Aguiar⁵ e Emmanuelle Costa⁶

O início do século XX no Rio de Janeiro foi marcado por significativas transformações urbanas, que contaram com a atuação e os esforços de Oswaldo Cruz e do Instituto Soroterápico Federal, atual Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), em prol da saúde pública e da reorganização urbana. Esse período foi crucial para a reconfiguração do espaço urbano, onde o Centro da Cidade do Rio de Janeiro foi o principal alvo de ações públicas para tal transformação. Tais medidas proporcionaram a expulsão de determinado perfil sociorracial desse espaço da cidade, que projetou influências em áreas mais afastadas – fenômeno conhecido como gentrificação. Tais medidas acentuaram o processo de estruturação urbana que moldou a cidade do Rio de Janeiro (Abreu, 1997).

Imagem 1: Charge “Uma Limpeza Indispensável”, O Malho



Fonte: Valladares (2000, p. 27)

¹ Estudante de Graduação em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico.

² Estudante de Graduação em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico.

³ Estudante de Graduação em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico.

⁴ Estudante de Graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista Propop no Conjunto Histórico.

⁵ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

⁶ Doutoranda em História Social na Universidade Federal Fluminense (UFF).

A charge ilustra o médico sanitariano Oswaldo Cruz limpando a cabeça de um homem negro⁷ que estava repleta de pessoas que habitavam o então Morro da Favela, atual Morro da Providência. Nesse contexto, a cabeça simbolizava as favelas da cidade, enquanto as pessoas, retiradas como piolhos pelo cientista, saltavam do morro. Essa imagem representava Oswaldo Cruz como um higienizador da sociedade, encarregado de limpar a sujeira da favela. Tal representação ilustrou a visão elitista e higienista da época, em que a população negra e pobre era – e ainda é – colocada como indesejável e suja, além de ser percebida como obstáculo que precisa ser removido para a construção de uma cidade idealizada. Essa representação expressa como a cidade, em seu cerne, foi pensada de forma segregadora, priorizando padrões estéticos e o discurso higienista para o controle socioespacial.

As transformações urbanas no Rio de Janeiro, particularmente entre 1900 e 1920, foram marcadas por reformas de caráter físico, social, sanitário e moral. Durante esse período, a cidade do Rio de Janeiro não era somente a capital federal do Brasil, mas também possuía uma importância econômica devido ao seu porto e à sua capacidade de exportação e conexão com as capitais do norte global. Nesse contexto, o Centro da cidade era assolado por diversas doenças que afetaram o cenário político e econômico do país, uma vez que as embarcações passaram a desviar dos portos brasileiros para evitar a “cidade febril” (Chalhoub, 1996).

Esse cenário fez com que o presidente da época, Rodrigues Alves (1902–1906), se aliasse aos sanitarianos e ao então prefeito da capital federal, Pereira Passos, para implementar medidas mitigatórias para o enfrentamento dessas epidemias.

Com o cenário de proliferação de doenças, as habitações de baixo custo, como os cortiços e casas de cômodos, são os primeiros locais a serem perseguidos. Essas moradias estavam localizadas no Centro do Rio de Janeiro e eram ocupadas por pessoas majoritariamente pretas, pardas e de baixa renda, que, devido à especulação imobiliária existente nas regiões valorizadas da cidade, buscaram locais mais acessíveis e, por isso, mais precarizadas. Pereira Passos esteve à frente de uma das reformas que alterou indelevelmente o tecido urbano da cidade, como pode ser observado nas plantas abaixo.

⁷ Hoje se sabe que esse homem negro era Prata Preta, estivador, capoeirista e um dos principais líderes da Revolta da Vacina na região da Praça da Harmonia (Chalhoub, 1996).

imagem 2



Fonte: Biblioteca Nacional

imagem 3



Fonte: Biblioteca Nacional

Imagem 2 e 3: Planta dos melhoramentos projetados por Pereira Passos da cidade do Rio de Janeiro

Os mapas mostram as projeções do prefeito da cidade para essas transformações urbanas. O discurso da urbanização se misturava ao discurso sanitário, logo, boa parte das medidas urbanas eram também medidas sanitárias. Partindo de uma ideologia higienista onde civilizar a cidade era afastar os grupos indesejáveis. Com essa reforma, observamos uma mudança no papel do Estado na agência do espaço urbano, passando a atuar de forma mais direta no planejamento (Abreu,1997). Assim, este trabalho tem como objetivo construir um roteiro de visita ao Castelo Mourisco, espaço que faz parte do Conjunto Histórico do Museu da Vida, abordando as transformações urbanas da cidade do Rio de Janeiro e os debates referentes à saúde pública. Relacionaremos, por isso, os conceitos de gentrificação e determinantes sociais de saúde. Identificamos que os debates sobre as reformas urbanas do Rio de Janeiro no início do século XX se relacionam com questões atuais de disputas sociais e determinações sociais de saúde, diretamente ligadas à territorialidade do indivíduo.

Para a construção do roteiro, será realizado levantamento bibliográfico sobre os temas, pesquisa iconográfica e consulta aos cadernos de pesquisa de público do Museu da Vida Fiocruz. O roteiro possibilitará ao público visitante do castelo refletir

sobre as diversas dinâmicas de formação dos territórios e articulá-las com os debates em saúde. O roteiro será aplicado na mediação realizada no Castelo com grupos escolares a partir do 7.º ano do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. A partir da construção de uma mediação dialógica, o grupo visitante receberá envelopes com informações (texto, imagens, gráficos, entre outros) sobre urbanização e saúde pública do início do século XX e século XXI, todas informações sobre a cidade do Rio de Janeiro. A partir das informações, o mediador fará algumas provocações ao grupo, que construirá juntamente ao mediador suas reflexões sobre esses processos históricos, sociais e urbanos.

Para que o roteiro seja desenvolvido, partimos da leitura da cidade de autores como Abreu (1997), Valladares (2000) e Oliveira (2019), traçando um diálogo histórico-geográfico da evolução urbana do Rio de Janeiro e seus impactos na população, relacionando questões de saúde.

Referências

ABREU, Maurício de A. **Evolução Urbana no Rio de Janeiro**. 3. ed. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.

OLIVEIRA, Patrícia da Silva. **Remoções no Rio de Janeiro no século XIX e o processo de segregação socioespacial**. Rio de Janeiro: XVI SIMPURB, 2019. v. 1.

Proposta de atividade: o continente africano sem estereótipos

Thayná de França Paixão¹ e Ana Beatriz Lima de Paula²

Orientadora: Maria Paula Bonatto³

O presente estudo aborda reflexões sobre a importância de atividades de cunho educativo, pedagogia e os espaços museais. Para isso, estamos propondo, como estratégia de mediação no Parque da Ciência do Museu da Vida, a utilização de um quebra-cabeça educativo sobre o continente africano associado a um globo terrestre, imagens alusivas à cultura africana e à produção científica da Fiocruz em países da África.

Jogos são de suma importância para a produção de conhecimento durante os processos de ensino-aprendizagem (Piaget, 1973), e a utilização de jogos como recurso para divulgação científica em espaços museais é uma proposta profundamente conectada com as necessidades educacionais contemporâneas.

Espaços não formais de educação oferecem opções variadas de combinações para novas organizações da mente, estimulam o conhecimento divergente, as associações, as analogias. Trabalhamos mais facilmente que as escolas com os pseudo-conceitos (conceitos que ainda não estão totalmente claros), que os visitantes trazem em sua bagagem de vivências e observações. Estimulamos o aprendizado em grupo por meio de troca de conhecimentos favorecida pela zona de desenvolvimento proximal (Vygotsky) que os grupos heterogêneos favorecem. Esses aspectos são característicos do universo do aprendizado em museus, ainda pouco conhecidos e explorados por educadores do mundo das escolas, mas valorizados por grupos diferenciados nos quais se enriquecem os diferentes níveis sociais do aprendizado. (Casa de Oswaldo Cruz, 2021).

Ancorada nas práticas cotidianas de mediação nos espaços do Museu da Vida Fiocruz, mais especificamente no Parque da Ciência, nasce a proposta adaptada de uma atividade já realizada no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro

¹ Estudante de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ); bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Licenciatura em Pedagogia no Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (ISERJ); bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

³ Doutora em Saúde Pública, educadora no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

(ISERJ), que teve sua origem na disciplina Educação das Relações Étnico-Raciais (disciplina obrigatória do Projeto Político-Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia), lecionada pela mestra Vera Lúcia Neri da Silva.

Muito há em comum entre países que foram colonizados, saqueados e escravizados:

[...] os seus povos agarram-se à vida e à esperança, ignorando prognósticos negativos e sobrevivendo à margem de instituições, organismos e poderes que procuram acorrentá-los. Nesse sentido, para além de mero ato de vontade, a desconstrução das imagens negativas do continente faz-se com estudo, conhecimento e compreensão atentos à sua personalidade histórica, geográfica e cultural específica. ((Serrano; Waldman, 2008, p. 35).

O Brasil muito se assemelha ao continente africano pelo período de colonização que demarcou sua história. Tornar conhecidas a presença dos povos africanos e sua atuação no território brasileiro, ainda que sequestrados e submetidos à tortura e a trabalhos forçados, fazem pensar na importância de se estreitar relações, reconhecer, valorizar a cultura africana e sua contribuição para produção de conhecimento. A iniciativa de reparação histórica passa por questões de saúde pública, trocas e compartilhamento de conhecimentos por meio da produção de pesquisas voltadas para a construção de um mundo mais justo.

O estudo do continente po[de] conduzir à melhor compreensão do mundo e da sociedade brasileira, contribuindo para a sua formação rumo a uma sociedade justa e em equilíbrio para consigo mesma. (Serrano; Waldman, 2008, p. 35).

Diante de muitos desafios, a Fundação Oswaldo Cruz constrói uma ciência comprometida com a verdade não só nos seus dezesseis polos espalhados pelo Brasil, como também no continente africano, mais especificamente em Moçambique, onde fica localizado um escritório (Fundação Oswaldo Cruz, 2023). Por meio da atividade proposta, objetiva-se discutir e superar os estereótipos comumente associados ao continente africano e à sua população a partir de discussões sobre sua relação com a cultura brasileira e com a produção de ciência. No campo da educação voltada para as relações

étnico-raciais, a Lei n.º 10.639/2003, de 9 de janeiro, destaca a importância de se reconhecer geograficamente o continente africano, reconhecer historicamente e culturalmente a contribuição da África para a formação da identidade brasileira e, a partir disso, motivar a percepção crítica sobre o histórico das relações entre África e Brasil em prol de uma ciência decolonial – aquela que busca reverter os efeitos da colonização.

Com base no continente africano, o jogo escolhido busca, a partir de um ambiente lúdico, promover troca de conhecimentos considerando temáticas como ciência, saúde e território.

Hoje configurada em três espaços, a área interna do Parque da Ciência, denominada Pirâmide, oferece ao público a Câmara Escura, a Sala de Experimentação e o Salão Interativo, onde se localiza o ambiente Oficinas. No espaço do hall de entrada do Parque, a mediação se inicia com o acolhimento aos visitantes, partindo de um painel que mostra o “time” de pesquisadores da Fiocruz no ano de 1925 ao receberem a visita de Einstein. Logo após a mediação sobre o painel que discute a temática “Fiocruz na história”, passamos à área do Salão Interativo, no ambiente Oficinas, para realizar a atividade proposta.

A atividade pode ser realizada com público a partir de sete anos de idade, mas o educador adaptar sua linguagem para o momento de discussão do tema e suas implicações. São necessários, no mínimo, dois jogadores. No espaço em que será realizada a atividade, o visitante encontra um globo terrestre, um “Quebra-cabeça pedagógico - Mapa do Continente Africano” e a descrição da atividade impressa e plastificada. O mediador tem guardadas consigo imagens sobre a cultura africana e a produção científica da Fiocruz nesse continente, que serão exibidas ao longo da mediação.

No primeiro momento, sugerem-se as seguintes perguntas norteadoras: “Vamos fazer uma viagem até o continente africano?”, “Quem sabe onde fica o continente africano?”, “Quem saberia dizer se fica longe ou próximo do Brasil?” (Fundação Oswaldo Cruz, [201-], p. 5). Depois, propõe-se que, a partir de um globo terrestre, situem o continente africano e observem o mapa já organizado. Em seguida, pede-se que embaralhem as peças e reconstruam o mapa, ainda que de modo intuitivo, e depois organizem o tabuleiro considerando a localização geográfica de cada país.

imagem 1

Fonte: Netos Kids ⁴



imagem 2

Fonte: Netos Kids ⁵



Imagem 1 e 2: Quebra-cabeças

Ao final da montagem do quebra-cabeça, deve-se promover um diálogo com base nos conhecimentos abordados até aqui e que contemple o alcance dos objetivos propostos. Considerando os jogos como ferramenta para construção do conhecimento, o papel do mediador, as qualificações que um mediador precisa ter e a compreensão do conceito de mediação humana, a presente proposta de atividade deseja contribuir para a continuidade da produção de recursos para a divulgação e popularização da ciência no Museu da Vida Fiocruz. A presente proposta também almeja:

Promover o desenvolvimento de ações educativas e pesquisas que contribuam para a redução das desigualdades étnico-raciais, de gênero e sexualidades, do racismo estrutural e da violação dos direitos dos povos indígenas, de comunidades quilombolas e tradicionais; Fomentar a diversidade de estudos, metodologias de ensino e linguagens na produção do conhecimento, promovendo condições políticas e institucionais para que saberes e epistemologias feministas, particularmente de mulheres negras, indígenas e trans sejam valorizadas nos cursos oferecidos na Fiocruz; Incentivar a formação continuada para o fortalecimento de uma cultura de inclusão e de valorização da diversidade para a equidade; Incentivar pesquisas que apontem epistemes contra-hegemônicas, oferecendo estudos e parcerias de intercâmbio com países do continente africano e latino-americano na perspectiva decolonial. (Fundação Oswaldo Cruz, 2023, p. 12).

⁴Disponível em: <https://netoskids.com/products/mapa-continente-africano-quebra-cabeça-3d>.

⁵Disponível em: <https://netoskids.com/products/mapa-continente-africano-quebra-cabeça-3d>.

Referências

BRASIL. Lei n.º 10.639/2003, de 9 de janeiro de 2003. **Lei de Educação Étnico-Racial**. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Alterar%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20dá%20outras%20providências.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política educacional do Museu da Vida**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/1788-tcc-66>.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Proposta educativa “Tesouros da África”**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC/Serviço de Educação em Ciências e Saúde, [201-].

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Plano museológico Museu da Vida Fiocruz: 2022-2026**. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023.

PIAGET, Jean. **Problemas de psicologia genética**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1973.

SERRANO, Carlos; WALDMAN, Maurício. **Memória D'África: a temática africana em sala de aula**. São Paulo: Cortez, 2008.

Bancada de Pasteur: uma abordagem de acessibilidade para pessoas surdas

Daniel Teixeira Guimarães¹, Eduarda Cristina Rigaud Lione de Freitas² e Paulo Sérgio Andrade³

Orientador: Daniel Bruno Nogueira⁴

Um museu é um espaço de educação não formal que visa à promoção e à divulgação de conhecimentos científicos, a fim de propor autonomia e uma interação com espaços formais de educação, tendo como alguns de seus pilares a experiência e a autonomia do seu visitante. Ao propor autonomia para visitantes, é necessário falar sobre acessibilidade, que é a inclusão de pessoas com deficiência na participação de atividades, como o uso de produtos, serviços e informações.

O presente trabalho tem o objetivo de propor uma atividade educativa para a Bancada de Pasteur no Parque da Ciência. Trata-se de uma apresentação da Bancada de Pasteur para pessoas surdas por meio da Língua Brasileira de Sinais, bem como do uso de Sinalário da disciplina de Química, fornecido pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos.

A Bancada de Pasteur está localizada na Pirâmide, a área interna do Parque da Ciência, espaço que compõe o Museu da Vida. Na bancada de Pasteur, é conduzida, pelos bolsistas, uma série de experimentos de química relacionados à parte prática da disciplina, que é vista, na maioria das vezes, apenas de maneira teórica pelos alunos de ensino médio na educação formal.

Prioriza-se tratar da química com linguagem acessível ao público, pois a disciplina, por si só, já apresenta uma série de barreiras para os visitantes, tendo em vista que a Química é julgada muitas vezes como uma disciplina difícil e que as pessoas “não conseguem entender”. A Bancada de Pasteur vem com a proposta de desmistificar a referida disciplina e ainda ilustrar como ela está presente no nosso dia a dia, desde o momento em que se desperta do sono, toma banho ou bebe café. A química

¹ Estudante de Licenciatura em Química no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Nilópolis; bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida.

² Estudante de Licenciatura em Química no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) campus Duque de Caxias; bolsista Propop no Parque da Ciência do Museu da Vida.

³ Estudante de Graduação em Letras/Libras na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista do Programa de Incentivo e Desenvolvimento Institucional (PIDI). Atua como educador e avaliador de acessibilidade do Museu da Vida. Além disso, é professor de Libras dos Cursos de Línguas Abertas à Comunidade (CLAC).

⁴ Mestrando em Educação pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). Bacharel em Gravura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como educador no Serviço de Educação do Museu da Vida.

pode ser definida como o estudo da matéria, sendo a matéria definida como tudo que possui massa e volume, ou seja, ocupa lugar definido no espaço.

O objetivo da proposta é apresentar quem foi Pasteur, seus feitos mais conhecidos, as vidrarias utilizadas no laboratório e falar do modelo atômico de Niels Bohr, culminando com o experimento de ensaio de chamas. Além disso, apresentar também o experimento do “leite psicodélico”, que consiste na explicação da diferença entre misturas homogêneas e heterogêneas, bem como moléculas polares e apolares.



Imagem 1: Atendimento no Dia das Crianças, mediador Daniel e intérprete de Libras Angel



Imagem 2: Mediação na Bancada de Pasteur com o experimento “O leite psicodélico”

Referências

INES – INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS. **Sinalário Ilustrado de Química em Libras**. Disponível em: <https://debasi.ines.gov.br/sinqui-sinal%C3%A1rio-de-qu%C3%ADmica>.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE QUÍMICA. **Componente Curricular - Química**: Base Nacional Comum Curricular (BNCC). <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 20 out. 2024.

USBERCO, João; SALVADOR, Edgard. **Conecte Química**. 2 ed. São Paulo: Saraiva, 2014. v. 1.

O desenvolvimento de atividades práticas no Jardim dos Códigos: a união da Antropologia e o sistema de codificação no espaço museal

Mayra Paula Costa Ludgerio¹ e Pedro Henrique Duarte da Silva²

Orientadora: Luciana Sales³

O mundo contemporâneo encontra-se em meio às transformações pelos diversos grupos que permeiam os diferentes espaços e tempos com suas peculiaridades reafirmadas pelos povos, grupos e culturas. A partir dessas perspectivas, tivemos a iniciativa de produzir atividades práticas que unem a Antropologia, como ciência da modernidade colocando seu aparato teórico construído no passado, com a possibilidade, no presente, de explorar o sistema de codificação durante visitas escolares no Jardim dos Códigos, uma exposição interativa que busca despertar o interesse por diferentes sistemas de codificação e comunicação, localizado no Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz. Um conjunto de estratégias foi desenvolvido, que conta com o uso (1) de números da Matemática Básica e Fonéticas chinesas; (2) da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e (3) dos números no dia a dia para a representação de quantidades, medidas ou ordem.

Destacamos que as estratégias visam proporcionar uma compreensão prática de diferentes sistemas de codificação e comunicação; desenvolver habilidades matemáticas e linguísticas por meio de atividades interativas e fomentar a curiosidade e o aprendizado ativo em crianças e adolescentes. Intituladas (1) “Contas Matemáticas Básicas”, com o sistema numérico chinês e as fonéticas chinesas, têm o objetivo de popularizar as línguas estrangeiras matemática básica utilizando a fonética dos números de 1 a 10 em Chinês: C 一, 二, 三, 四, 五, ..., 九, 十。



一	1	六	6
二	2	七	7
三	3	八	8
四	4	九	9
五	5	十	10

Imagem 1: Números em Chinês X

¹ Estudante de Graduação em Antropologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista do Propop, Parque da Ciência.

² Estudante de Graduação em Biologia na Universidade São José (USJ); bolsista do Propop, Parque da Ciência.

³ Pedagoga, especialista em Comunicação e Saúde pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde (ICICT) e educadora do Museu da Vida Fiocruz.

O sistema numérico chinês é caracterizado pela escrita ideográfica, em que se utilizam símbolos e desenhos para representá-la, como mostra a Figura 1.

Para sua realização, será necessário utilizar a coluna interativa com os números de 1 a 10 e suas representações fonéticas, do Jardim dos Códigos e cartões constando operações matemáticas do sistema de numeração indo-arábico, utilizando somente uma das quatro operações básicas da aritmética, como a adição.

Inicialmente, os visitantes serão acolhidos pelos mediadores do Museu, receberão as devidas orientações, seguidas da entrega dos cartões, onde terão que resolver a operação aritmética utilizando as colunas de números e suas fonéticas. Exemplo: se a atividade pede para somar $3 + 4$ 三 + 四, eles devem identificar e dizer as fonéticas dos números correspondentes (três + quatro) e depois encontrar o resultado (sete) 七. A partir do desenvolvimento da atividade, será realizada uma conversa sobre as diferentes culturas, o surgimento do sistema numérico e a conversão do sistema indo-arábico para os sistemas de numeração chinesa.

Dando continuidade às relações culturais, os visitantes serão conduzidos, ainda no Jardim dos Códigos, para a realização da atividade que proporcionará a comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) visando valorizar a importância da comunicação entre ouvintes e surdos. Durante a atividade, o público será direcionado ao totem com o alfabeto em Libras para o (re)conhecimento e promoção da inclusão, valorizando esta língua como importante ferramenta para romper as barreiras comunicacionais. Após essa etapa, os visitantes serão estimulados a se apresentar utilizando a Libras para formar o nome de cada visitante. Além da coluna interativa com o alfabeto em Libras, serão compartilhados cartões com alguns exemplos de nomes, sinais e palavras para a interação com o grupo, além de desafios matemáticos para solucionar em Libras.

A última estratégia pedagógica refere-se ao sistema de numeração romano, utilizado durante o Império Romano, que conta com a utilização de cinco letras para representar quantidades. São elas: **I**, **X**, **C**, **D** e **M**. Essa dinâmica tem por objetivo explorar a leitura e a escrita a partir de números para formar datas, fazer cálculos e identificar as horas. Para sua realização, além da proximidade com o totem Numeração Romana, são necessários cartões de atividades com datas, horas e problemas matemáticos. Em seguida, cada participante receberá um cartão com desafios para

serem solucionados e/ou explorados a partir do sistema de numeração indo-arábico para o sistema de numeração romana ou vice-versa.

Cabe pensar em como propiciar o uso da comunicação em atividades práticas por meio de totens/colunas interativas que podem exemplificar, ilustrar ou comprovar o que é visto no cotidiano. Essas atividades visam não apenas enriquecer a visita ao Jardim dos Códigos, mas também fornecer uma abordagem prática e interativa para o aprendizado de sistemas de codificação e comunicação. Elas foram elaboradas para serem inclusivas, lúdicas e educativas, estimulando a curiosidade e o interesse dos visitantes de todas as idades. Esperamos, com isso, que as estratégias aplicadas sejam valorizadas como oportunidade de construção de conhecimento pelos visitantes, ampliando o potencial da visita ao museu no que diz respeito ao interesse despertado e à aprendizagem. Para a avaliação do processo durante a mediação, os visitantes serão convidados a compartilhar suas experiências e o que aprenderam com as atividades propostas. Essa avaliação qualitativa ajudará a aprimorar as futuras edições do material didático.

Jogo da memória: Jovens Cientistas – inclusão e representatividade nas itinerâncias educativas das Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz

Gilmar de Oliveira Machado¹ e Victória Laísa Madeira Ferreira²

Orientadores: : André da Cruz Oliveira³ e Renata de Oliveira Rodrigues⁴

O público-alvo do “Jogo da Memória: Jovens Cientistas” são estudantes de periferias e favelas que participam das atividades itinerantes das Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

A criação do jogo exigirá pesquisa prévia sobre cientistas negras, indígenas e oriundas de favelas e periferias. Essas biografias formarão a base do jogo, destacando trajetórias que representam a diversidade e a riqueza dos territórios. O objetivo é valorizar mulheres de grupos historicamente marginalizados e oferecer exemplos inspiradores aos jovens participantes.

O material será adaptado para estudantes com deficiência, com versões em braille e texturas diferenciadas para pessoas com deficiência visual, promovendo inclusão plena. As cartas serão divididas em pares: uma com a imagem da cientista e outra com sua biografia resumida, destacando suas contribuições e impacto. Elas serão impressas em cores vivas e plastificadas para garantir durabilidade e facilitar o manuseio em diferentes grupos e territórios.

O procedimento da atividade consiste em dividir os participantes em pequenos grupos. No início do jogo, eles devem virar as cartas. Além do desafio de encontrar os pares, os jovens serão estimulados a ler e discutir as biografias das cientistas. Cada rodada do jogo será intercalada com momentos de conversa em grupo, em que os educadores levantarão questões sobre as trajetórias das cientistas e como isso se relaciona com o cotidiano dos próprios participantes. Será também uma oportunidade para discutir as questões de gênero, de raça e as desigualdades, inserindo essas temáticas no

¹ Estudante de Licenciatura em Geografia na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), Instituto Multidisciplinar, integrante do Programa de Educação Tutorial PET (MEC) – Geografia - IM. Bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (PROPAT) no Museu da Vida Fiocruz, na equipe das Ações Territorializadas.

² Estudante de Bacharelado em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista do Programa de Educação e Popularização da Ciência (PROPAT) no Museu da Vida Fiocruz, na equipe das Ações Territorializadas

³ Graduado em Letras: Português/Literaturas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua como educador nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

⁴ Graduada em História pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM). Atua como educadora nas Ações Territorializadas do Museu da Vida Fiocruz.

campo da produção de conhecimento científico. Além do jogo em si, a atividade poderá se desdobrar em outros momentos, como a produção de murais nas escolas, destacando as cientistas representadas.

O “Jogo da Memória: Jovens Cientistas” surge como uma ferramenta fundamental de educação inclusiva, inspirando-se na experiência bem-sucedida do “Jogo da Memória: Intelectuais Negras”, desenvolvido pelo PET Geografia. Assim como o jogo anterior contribuiu para um ensino antirracista, este projeto reforça a importância de aproximar os estudantes de figuras que compartilham suas vivências, rompendo com estereótipos e fortalecendo a autoestima ao mostrar que a ciência também é um espaço para eles.

O jogo tem se apresentado um importante recurso pedagógico que inclui seu caráter lúdico e ao mesmo tempo seus atravessamentos políticos e sociais, que tem um alcance exemplar enquanto extensão universitária e na ampliação do diálogo entre a universidade com a comunidade escolar. Com uma proposta lúdica, aprendendo com um jogo da memória onde o foco está nos rostos e trajetórias de importantes intelectuais negras, é possível propor novas formas de compreender a noção de intelectualidade e, a um só tempo, combater o racismo e o sexismo, ainda tão presentes em nosso cotidiano. (Machado, 2023, p. 185).

As contribuições dessa atividade para o Museu da Vida Fiocruz são diversas. Primeiramente, ela fortalece o papel do museu como um agente de transformação social, que leva a ciência para além dos muros institucionais e a coloca em diálogo direto com as comunidades. Ademais, ao abordar de maneira crítica e reflexiva a ciência feita por mulheres negras, indígenas e de favela, o “Jogo da Memória: Jovens Cientistas” reforça o compromisso com a promoção da inclusão e da diversidade no campo da ciência. Por fim, o potencial dessa proposta educativa vai além das itinerâncias e pode inspirar outras iniciativas voltadas para a valorização da ciência de maneira inclusiva. O “Jogo da Memória: Jovens Cientistas” pode ser replicado em outras regiões, adaptado para diferentes públicos e, até mesmo, ampliado para incluir outras figuras de destaque em um movimento contínuo de valorização da diversidade no campo científico.

Assim, ao incentivar o aprendizado lúdico e inclusivo, essa atividade colabora para a construção de um futuro mais equânime, em que todas e todos se sintam parte da produção de conhecimento científico, e as histórias antes invisibilizadas podem ser celebradas e reconhecidas em sua plena importância.

Referências

MACHADO, Gilmar de Oliveira. Jogo da Memória Intelectuais Negras: uma proposta metodológica para uma geografia antirracista. In: OLIVEIRA, Anita Loureiro de; GUIMARÃES, Geny Ferreira; ARRUIZZO, Roberta Carvalho (org.). **Geografias anticoloniais: diálogos e criações**. Rio de Janeiro: Letras e Versos, 2023.

Introduzindo o vocabulário Yorubá no Programa de Produção Cultural do Museu da Vida Fiocruz: falas do cotidiano e herança africana na construção linguística do Brasil

Jennyffer Vitória da Silva Augusto¹ e Esther Mariana Macedo²

Orientadores: Ozias Jesus Soares³ e Carmem Evelyn Mourão Rodrigues⁴

Este resumo apresenta uma proposta de atividade para o Programa de Iniciação à Produção Cultural (Proccultural) do Museu da Vida Fiocruz. Este Programa integra as ações do Museu e tem como objetivo promover a inserção dos jovens no mundo do fazer cultural, estimular a reflexão, discussão e atuação sobre a realidade socioambiental do território onde se localiza a Fiocruz, valorizar a cultura científica, a popularização da ciência e a promoção da saúde, além de contribuir para a ampliação do capital cultural dos jovens.

Os jovens participantes do Proccultural são frutos da disseminação do conhecimento nos espaços da educação escolar e museal. A divulgação do conhecimento é essencial para o retorno e desempenho educacional do Brasil. Nesse sentido, o Programa de Iniciação à Produção Cultural é uma potência do Museu da Vida Fiocruz que a cada ano oferece a chance de um grupo de jovens adentrar – muitos pela primeira vez – em um espaço museal, de cultura e de estudo científico. Essa ação expressa o trabalho social e compromisso da instituição com as favelas adjacentes ao território do campus Manguinhos da Fiocruz.

Como assistentes do Proccultural, compondo uma equipe de três pessoas, para além do administrativo, uma de nossas atribuições é também auxiliar a supervisora pedagógica do Programa a desenvolver atividades educativas para a turma. Essa experiência como assistentes mostra que o Programa busca oferecer oportunidades para que os jovens egressos do Proccultural possam retornar ao Museu, na qualidade de bolsistas ou outros vínculos, já como graduandos, o que reforça o compromisso institucional em relação ao incentivo à educação e à equidade.

¹ Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Proat no Programa de Iniciação a Produção Cultural.

² Estudante de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação a Produção Cultural.

³ Doutor em Ciências Sociais; mestre em Educação; pedagogo.

⁴ Pedagoga; supervisora pedagógica do Proccultural.

⁵ As autoras Jennyffer Augusto e Esther Marianna são egressas de turmas do Proccultural.

A atividade aqui proposta busca aproximar os jovens oriundos das favelas de Manguinhos, Maré, Alemão e Jacarezinho, participantes do Pro cultural, da cultura e ancestralidade africanas no Brasil. Dialogando com as experiências vividas nos diversos cenários sociais presentes no país e com esses jovens estudantes de ensino médio da rede pública estadual de ensino, a atividade tem o objetivo de evidenciar o impacto do continente africano na cultura brasileira e tirar essas contribuições do campo da invisibilidade.

Essa atividade foi pensada para os jovens do Programa de Iniciação à Produção Cultural como uma extensão do mural “Africanidades”, já existente na sala de aula em que as atividades cotidianas são desenvolvidas. Nesse mural existem curiosidades e heranças sobre o continente africano, além de informações sobre a relação Brasil-África. Tanto o mural como a atividade proposta buscam trabalhar junto aos jovens a potência e as memórias vivas dessa ancestralidade.

A atividade educativa será dividida em duas etapas: 1) a confecção do mural e 2) uma reflexão coletiva sobre as escolhas envolvidas em sua produção. A turma, composta por 25 integrantes, será dividida em cinco grupos de cinco pessoas que trabalharão coletivamente.

Na primeira etapa, os grupos recolherão as palavras que estarão distribuídas e que eles perceberem como “herança” da língua Yorubá. Na confecção do mural, serão utilizados papéis coloridos, tesouras, cartolina, cola e imagens de estampas africanas. Os papéis deverão ter cores vibrantes para ornarem esteticamente com o mural “Africanidades” e ser recortados em retângulos. Nessas tiras, estarão expostas palavras em negrito que conhecemos.

Na segunda etapa, os grupos serão convidados a refletir sobre questões como: “Por que vocês escolheram essas palavras?” e “Como isso se relaciona com o seu cotidiano?”. A partir desse ponto e para que a atividade seja mais bem desenvolvida, trabalharemos principalmente por meio de semelhanças fonéticas e contextos históricos do Brasil e do continente africano, considerando o contexto dos jovens inseridos na turma e seus saberes sobre a relação de colonização do Brasil.

Com a realização dessa atividade, pretendemos que os jovens percebam as contribuições e vinculações do idioma Yorubá com nossa língua e que convivemos com a herança africana presente no país. Além disso, intenciona-se, com essa forma-

ção, o reforço positivo da influência africana na sociedade brasileira, o que se traduz em ressignificação de toda a riqueza dessa herança. Tal fato pode contribuir para reduzir estigmas e conflitos pessoais e identitários originados a partir de uma autoimagem marcada pela herança escravocrata e o conseqüente racismo estrutural ainda existente no nosso meio.



Imagem 1: Mural "Africanidades" em sala de aula



Imagem 2: Sala de aula no Centro de Recepção do Museu da Vida Fiocruz



Fonte: Jennyffer Augusto (Pro cultural, Museu da Vida Fiocruz)

Imagem 3: Mural "Africanidades" exposto em sala de aula ao lado da estante de livros

Explore a Fiocruz: um roteiro de viagem com o trenzinho do Museu da Vida

Matheus de Oliveira Serpa¹, Yasmin Iglesias da Silva² e Mariane Santos da Costa³

Orientador: André Amaral Bordalo⁴

O roteiro desenvolvido tem como objetivo ser uma proposta de atividade educativa que será realizada aos sábados no campus Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), utilizando como instrumento o trem elétrico do Museu da Vida, popularmente conhecido como “Trenzinho da Ciência”. A finalidade da atividade é desmistificar a inacessibilidade da instituição, a fim de gerar aproximação com a população, posto que esse é um espaço gratuito e aberto ao público.

O projeto surgiu a partir das dúvidas mais frequentes dos visitantes acerca dos espaços da Fundação Oswaldo Cruz e das experiências pessoais dos bolsistas durante o atendimento ao público espontâneo. O trajeto a ser percorrido foi pensado visando à viabilidade de locomoção do veículo, além de englobar pontos estratégicos do campus.

A atividade tem início com a apresentação do Centro de Recepção e seus dispositivos: maquete, esqueletos e o painel Glauco Rodrigues, seguido pelas instruções de embarque/desembarque e permanência no veículo. O primeiro ponto de parada, após a partida do Centro de Recepção, será em Bio-Manguinhos e o Centro Tecnológico de Vacinas (CTV), um dos maiores centros de produção de vacinas da América Latina.

Outros espaços que farão parte do circuito são compostos pela Biblioteca de Manguinhos, localizada no Pavilhão Haity Moussatché, um dos espaços centenários da Fiocruz, inaugurado como conhecemos hoje em 1995; prédios do Núcleo Arquitetônico Histórico de Manguinhos: Cavaleriça, Pombal e Castelo, onde será explicada a presença do busto de Sérgio Arouca; compostagem da Fiocruz; Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP) e Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV).

Por serem unidades de ensino abertas à população, o intuito é que seja disse-

¹ Estudante de Graduação em Turismo na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ); bolsista no Centro de Recepção do Museu da Vida.

² Estudante de Licenciatura em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista no Centro de Recepção do Museu da Vida.

³ Estudante de Graduação em Turismo na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ); bolsista no Centro de Recepção do Museu da Vida.

⁴ Bacharelado em Comunicação Social pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA, 1996). Bacharelado em Produção e Marketing Cultural pela Universidade Estácio de Sá (UNESA, 2001). MBA em Produção e Gestão Cultural na Fundação Getúlio Vargas (FGV, 2008).

minada a informação de que é possível acessar esses espaços. Além disso, pretende-se explicar a presença do muro negro na escola; a orla de Manguinhos, onde serão abordadas a história de formação e questões pertinentes do território, bem como de que forma a Fundação se relaciona ou poderia se relacionar com as comunidades onde está inserida; a Coordenação-Geral de Infraestrutura dos Campi (COGIC), órgão responsável pelo gerenciamento do espaço físico da Fundação Oswaldo Cruz; a Casa de Oswaldo Cruz (COC), unidade à qual o Museu da Vida está vinculado; e os demais ambientes do Museu da Vida Fiocruz: Borboletário; Tenda da Ciência Virgínia Schall, onde ocorrem as peças teatrais; e Parque da Ciência.

Ao fim do trajeto, os visitantes devem ser integrados com a visita histórica do Castelo. Para isso, seria necessária a criação de um horário extra que viabilizasse a participação desses visitantes vindos do Trenzinho da Ciência, fora dos horários de visitação predeterminados pela equipe do Castelo atualmente. A previsão de duração da atividade é de 40 a 60 minutos, tendo em vista que esse tempo pode variar de acordo com a necessidade de cada grupo, mediador ou situação. Em caso de conflito na região da orla de Manguinhos, a atividade junto ao trenzinho deve ser cancelada a fim de preservar a segurança dos visitantes e colaboradores.

Imagem 1: Simulação do trajeto realizado pelo trenzinho



imagem 1

As plantas também existem: revertendo a cegueira botânica

Gabriele Galdino Vidal¹ e Yasmim Pereira dos Santos Francisco²

Orientador: Edmilson Barcellos da Rocha³

Cegueira botânica (em inglês *Plant blindness*) é um termo que se refere à falta de habilidade das pessoas em perceber as plantas e reconhecer sua importância no ambiente. Descrito por Wandersee e Schussler no ano de 1999, esse termo explica um fenômeno frequente até os dias de hoje. As plantas são organismos vivos essenciais para a manutenção da vida na Terra, porém são frequentemente ignoradas e subestimadas em comparação com outros organismos, como os animais.

No ano de 2001, em um novo trabalho, Wandersee e Schussler descreveram mais atitudes relacionadas a essa questão, ajudando-nos a entender que a cegueira botânica não se limita apenas à falta de percepção das plantas no ambiente, mas também à dificuldade de compreensão das necessidades vitais desses organismos; falta de experiência prática no cultivo, observação e identificação de plantas na própria região geográfica; bem como à falta de consciência sobre o papel fundamental das plantas na natureza e à insensibilidade às características estéticas e estruturais únicas que as plantas apresentam.

Nesse ano como mediadora do Museu da Vida Fiocruz (MVF), atuando em uma área temática cercada por plantas, pude observar que nenhuma vez fui questionada sobre algum desses organismos ou executamos atividades educativas voltadas para a botânica, o que chamou a minha atenção. Museus de ciências, como o Museu da Vida Fiocruz, são espaços de educação significativos, e acredito ser relevante voltarmos nossa atenção para o desenvolvimento de atividades educativas que possam contribuir para a conscientização sobre a conservação da biodiversidade vegetal e incentivar uma compreensão mais profunda das interações ecológicas.

Para revertermos essa situação de cegueira botânica, é necessário desenvolvermos atividades que deem visibilidade às plantas promovendo uma alfabetização

¹ Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Iguazu (UNIG); mediadora do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

² Estudante de Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); mediadora do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

³ Tecnologista em Saúde Pública da Fundação Oswaldo Cruz e educador museal do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz.

ecológica e, dessa forma, tornar familiar a diversidade vegetal para os visitantes. Partindo dessa percepção, propõem-se novas atividades educativas voltadas para o conhecimento das plantas. Uma forma simples seria a elaboração de uma oficina de produção de exsicatas. As exsicatas são amostras vegetais prensadas e desidratadas para serem fixadas em cartolina e guardadas em herbários (Bonnet *et al.*, 2021). A atividade teria como público-alvo turmas a partir do ensino fundamental 2 até o ensino médio. Para um melhor aproveitamento da atividade, a turma seria dividida em pequenos grupos.

Utilizando folhas e flores das plantas que caem na área do Parque da Ciência, o material ainda fresco seria coletado pelos visitantes que, posteriormente, realizariam as etapas de prensagem, secagem e fixação dos espécimes. Diferente das exsicatas produzidas para serem incorporadas a uma coleção botânica, na etapa de identificação, cada grupo produziria a etiqueta de exsicata com as características observadas e descritas pelo próprio grupo sem a necessidade da utilização dos termos científicos para caracterização morfológica. Inspirado na exposição do Museu do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (JBRJ), o material produzido poderá ficar exposto no painel situado próximo ao módulo micromundo.

Visando também contemplar as plantas aquáticas e palustres, a criação de um hidrofitotério ao redor do lago vizinho à Tenda da Ciência Virgínia Schall seria uma outra estratégia simples. O lago em questão atualmente possui finalidade unicamente ornamental e abriga algumas plantas aquáticas, como ninfeias (*Nymphaea sp.*), inhame preto (*Calacasia esculenta*) e *Limnobium laevigatum*, além de alguns peixes, mas sem finalidade educativa. O hidrofitotério é um local onde são cultivadas plantas aquáticas e palustres, podendo ser fixas ou flutuantes, um espaço rico que abriga uma coleção viva onde os alunos realizariam atividades práticas com as espécies ali cultivadas (Shirasuna; Visnadi; Costa, 2014).

Ambas as atividades visam aproximar o público visitante da diversidade vegetal e sensibilizá-lo sobre a importância e a função que as plantas possuem para o ambiente, desenvolvendo habilidades de observação e a consciência botânica que acreditamos ser extremamente importantes para despertar uma relação de afeto pela natureza na sua integralidade. Essas estratégias poderão instigar nos visitantes o desejo de preservação ambiental e conscientizá-los sobre o seu papel como cidadãos.

Referências

BONNET, Annete et al. **Coleção de exsicatas**. Curitiba: PronaSolos Paraná, Nov. 2021. Disponível em: <https://www.agricultura.pr.gov.br/PronasolosPR/Pagina/Colecao-de-exsicatas-PronaSolos-Parana>. Acesso em: 10 out. 2024.

SHIRASUNA, Regina Tomoko; VISNADI, Sandra Regina; COSTA, Janaina Pinheiro. Plantas aquáticas do Hidrofitotério do Jardim Botânico de São Paulo. In: **RAIBT – REUNIÃO ANUAL DO INSTITUTO DE BOTÂNICA**, 21., 2014, São Paulo. Resumos [...]. São Paulo: Instituto de Botânica, 2014. p. 71.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Preventing plant blindness. **The American Biology Teacher**, Oakland, v. 61, n. 2, p. 284-286, 1999.

WANDERSEE, J. H.; SCHUSSLER, E. E. Towards a theory of plant blindness. **Plant Science Bulletin**, v. 47, n. 1, p. 2-9, 2001.

Sala de Experimentação do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz: uma abordagem na educação em saúde – resultados preliminares da pesquisa

Raquel Campos Martins¹, Daniel Teixeira Guimarães² e Yolanda Gabriela de S. da Silva³

Orientadores: Maria Paula de Oliveira Bonatto⁴ e Luis Carlos Victorino de Oliveira⁵

Segundo a Política Nacional de Educação Museal (Brasil, 2021), a função educativa dos museus é complexa e multifacetada, envolvendo questões desde a relação entre o museu e a escola, a natureza do conhecimento científico até o papel do museu na sociedade. É fundamental que os espaços museais busquem um equilíbrio entre a transmissão de conhecimento e a promoção da experiência do visitante, incentivando a reflexão crítica e a construção do conhecimento de forma autônoma.

A Sala de Experimentação está localizada no interior da Pirâmide do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz. Ela conta com diversos aparatos que podem ser manipulados pelos visitantes. Durante a atividade, o foco é o corpo humano, que pode ser abordado como um todo por meio de um modelo anatômico do torso, ou também pode ser abordado por partes como a orelha e o cérebro. O desenvolvimento embrionário também é tratado durante a mediação, assim como diferenças anatômicas do corpo feminino e masculino.

Esse estudo propõe uma abordagem com foco na educação em saúde, utilizando a Sala de Experimentação como ambiente propício para a exploração de conceitos fundamentais de anatomia e fisiologia do corpo humano. Por meio de atividades interativas e dialógicas, busca-se promover uma aprendizagem mais significativa e duradoura, estimulando a curiosidade e o interesse dos participantes pela saúde e seus determinantes e pelos cuidados com o próprio corpo.

Indivíduos com uma compreensão mais aprofundada sobre o funcionamento de seus corpos tendem a adotar hábitos de vida mais saudáveis e a tomar decisões mais informadas sobre seus cuidados pessoais. Desse modo, por meio do presente traba-

¹ Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista Proat no Programa de Iniciação a Produção Cultural.

² Estudante de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação a Produção Cultural.

³ Doutor em Ciências Sociais; mestre em Educação; pedagogo.

⁴ Pedagoga; supervisora pedagógica do Pro Cultural.

⁵ As autoras Jennyffer Augusto e Esther Marianna são egressas de turmas do Pro Cultural.

lho, pretende-se investigar aspectos acerca da eficácia da Sala de Experimentação como ferramenta pedagógica, analisando sua influência na construção do conhecimento tendo como tema o corpo humano.

Segundo Palharini (2015), a educação em saúde é um campo complexo que evoluiu ao longo do tempo, passando de um modelo tradicional, centrado na doença e na imposição de normas, para um modelo mais atual, que busca a promoção da saúde, a participação social e a construção de conhecimentos de forma colaborativa. Essa evolução reflete as mudanças na compreensão da saúde e nos processos educativos de modo geral, buscando uma educação mais significativa e transformadora. Conforme destacado no trecho a seguir, a popularização e o diálogo acerca da saúde são a chave para uma educação efetiva:

[...] constata-se que as metodologias de educação em saúde mais adequadas para poder satisfazer as necessidades de saúde da população, preservando a sua autonomia, valorizando o seu saber e buscando uma melhoria na sua qualidade de vida são a educação popular em saúde e a educação dialógica, na qual uma complementa a outra. (Dias Maciel, 2009, p. 773).

A mediação na Sala de Experimentação é baseada fundamentalmente na troca de saberes, contrapondo a educação bancária e utilizando-se da pedagogia libertadora de Paulo Freire ao focar na conscientização e na transformação social. A educação libertadora busca resgatar o corpo como um instrumento de conhecimento e de transformação social, incentivando a autonomia e a crítica.

Para produzir reflexões sobre essa prática, estamos realizando uma pesquisa voltada para os públicos que frequentam a Sala da Experimentação do Parque da Ciência do Museu da Vida Fiocruz. Essa sala mantém uma exposição composta por coleções de modelos tridimensionais ampliados do corpo humano e de algumas espécies de animais e plantas. Os enfoques são: a coleção de modelos de crânios de animais e de homínídeos sob a perspectiva da evolução do ser humano e suas transformações, modelos de cérebros de diferentes animais, modelos de neurônios e sinapses, modelos de estruturas vegetais e animais, modelos de corpo humano e seus sistemas, modelo de feto humano de nove meses na barriga, modelo de orelha humana acompanhada de um conjunto de diapasões que emitem sons em caixas acústicas e três exemplares de cérebro humano

reais da coleção do Museu de Anatomia Patológica da Fiocruz.

A pesquisa tem como objetivo coletar observações das atividades de mediação junto a públicos como instituições de ensino, ONGs, associações, entre outros, que fazem a visita agendada ao Museu da Vida Fiocruz, utilizando o método qualitativo com aplicação de dois questionários: um para o observador – bolsista do Programa de Iniciação à Divulgação e Popularização da Ciência (Propop), que anota aspectos da interação do público durante a mediação – e um para o professor/responsável pelo grupo, onde ele(a) apresenta sua opinião acerca da mediação e se o tema já foi abordado na instituição de origem do grupo. Nessa proposta, os formulários funcionam como um norteador para possíveis eixos temáticos de maior interesse dos visitantes na Sala de Experimentação e para, com a mediação, entender se há uma conexão com os assuntos já vistos em sala de aula, como também se existe uma aplicabilidade no cotidiano desses visitantes. O objetivo é coletar cinco diferentes relatos respectivos a cada grupo de faixas etárias, sendo organizados em quatro categorias: visitantes de 6 a 9 anos, 10 a 15 anos, acima de 15 anos e ONGs e outros espaços.

No presente momento, a pesquisa possui apenas dados preliminares, com 11 instituições participantes – conseqüentemente, foram preenchidos 22 formulários, sendo 11 preenchidos pelos observadores e os outros 11 pelos responsáveis pelos grupos, o que totalizou um número aproximado de 315 visitantes atendidos.

Os visitantes se mostraram bastante criativos com suas perguntas e observações e demonstraram interesse pelos órgãos em conservação. Conseguiram muitas vezes elencar assuntos vistos em sala de aula, associando-os com os temas abordados na mediação. Entre as muitas perguntas feitas pelos participantes de diversas faixas etárias, destacamos: “Como reverter uma morte cerebral?”, “O que provoca bocejo?”, “O bebê respira na barriga?”, “A mulher só engravida se ovular?”, “Tem como reprogramar o cérebro?”, “O bebê pode beber o líquido amniótico?”, “Alguém sobrevive com um pulmão só?”, “Como o médico sabe que já pode nascer?”. Muitas vezes, observamos entre os estudantes a dispersão ou o cansaço, mas se mantinha a curiosidade sobre assuntos que envolviam os animais. Estudantes ficaram muitas vezes acanhados quando órgãos reprodutores eram o assunto, mas demonstraram espanto ao descobrir curiosidades sobre o processo de gestação e as transformações do corpo nesse processo. Alguns grupos se mostraram bastante focados nos assuntos

relativos a situações que aconteceram em seus cotidianos.

Já é possível observar a unanimidade de feedbacks positivos vindos dos responsáveis dos grupos e uma participação ativa dos visitantes durante a mediação. Em suma, a educação em saúde em museus representa um caminho promissor para a promoção da saúde e do bem-estar, contribuindo para a formação de indivíduos mais informados, autônomos e críticos.

A pesquisa está associada ao projeto “Educação museal, mediação e museus de ciências: perspectivas plurais”, sob a responsabilidade do pesquisador Ozias Soares, submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em 9 de outubro de 2020, sob o número de parecer 4.331.256 (CEP/Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz), e tem o apoio financeiro da Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz.

Referências

BRASIL. Instituto Brasileiro de Museus. **Política Nacional de Educação Museal (PNEM)**. 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/museus/pt-br/assuntos/politicas-do-setor-museal/politica-nacional-de-educacao-museal-pnem>. Acesso em: Out. 2024.

CASA DE OSWALDO CRUZ. **Política educacional do Museu da Vida**. [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2021. Disponível em: <https://www.museudavida.fiocruz.br/index.php/publicacoes/livros/1788-tcc-66>. Acesso em: 14/10/2024.

DIAS MACIEL, Marjorie Ester. Educação em saúde: conceitos e propósitos. **Cogitare Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 773-776, out./dez. 2009.

FURLAN BRIGHENTE, M.; MESQUIDA, P. Paulo Freire: da denúncia da educação bancária ao anúncio de uma pedagogia libertadora. **Pro-Posições**, v. 27, n. 1, jan./abr. 2016.

PALHARINI, Luciana Aparecida. **A história da atenção ao parto e nascimento: possibilidades dos museus como espaços de comunicação e formação sobre o tema**. 2015. 264 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Matemática) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.

SCHALL, V. T.; STRUCHINER, M. Educação em saúde: novas perspectivas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. suppl 2, p. S4-S6, 1999.

Programa de Iniciação à Produção Cultural do Museu da Vida Fiocruz: a inserção do jovem em práticas culturais e o debate sobre a localização territorial e memorial

Esther Mariana Macedo¹ e Jennyffer Vitória da Silva Augusto²

Orientadores: Ozias Jesus Soares³ e Carmen Evelyn Mourão Rodrigues⁴

O texto apresenta uma proposta de pesquisa baseada nas vivências de jovens do Programa de Iniciação à Produção Cultural (Proccultural), do Museu da Vida Fiocruz. O Programa é parte das estratégias do Museu da Vida Fiocruz junto aos territórios aos quais toma parte na região da cidade onde está localizado.. A iniciativa tem como objetivo promover a inserção dos jovens no mundo do fazer cultural; estimular a reflexão, discussão e atuação sobre a realidade socioambiental do território onde se localiza a Fiocruz; valorizar a cultura científica; popularizar a ciência e a promoção da saúde; além de contribuir para a ampliação do capital cultural dos jovens.

O Programa é direcionado a jovens de comunidades adjacentes ao campus Fiocruz Manguinhos, com o objetivo de introduzir, entre outros, uma metodologia em que a cultura se revista de significado, indicando que os participantes são agentes ativos de cultura. O Programa ainda busca reforçar que eles são corpos presentes em espaços e que a cultura é parte inerente a eles. Nesse sentido, critica a ideia de que a cultura só está presente em espaços socialmente hierarquizados e elitizados, fato que cria barreiras sociais, produzindo um imaginário de não pertencimento à cultura (oficializada) em razão do território em que habitam. Desse modo, museus e outros equipamentos culturais possuem desafios de ampliação de acesso às classes populares. Como apontam Biella e Iavelberg (2020, p. 46),

A concepção de acessibilidade universal sofre críticas por seu caráter utópico, porém a busca incessante em atingi-la delineia uma trilha rumo à inclusão nas instituições. Para tanto, são necessárias a consciência e a oferta de diversos modos de acesso: há de se disponibilizar recursos de modo equânime, mas não igual, dado que as pessoas são diferentes e precisam de modos de acesso diversificados.

¹ Estudante de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação à Produção Cultural.

² Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação à Produção Cultural.

³ Doutor em Ciências Sociais; mestre em Educação; pedagogo.

⁴ Pedagoga; supervisora pedagógica do Proccultural.

Diante disso, o principal objetivo desta proposta de estudo é a compreensão de como opera um espaço físico e simbólico, como o Museu e suas iniciativas para o acolhimento de corpos dentro do seu espaço, e como se dá a permanência dos jovens nesse lugar.

A iniciativa da investigação baseia-se na pesquisa qualitativa, focando um público de jovens de comunidades participantes do Pro cultural e entendendo que seja um campo de estudo ainda a ser explorado. Como corpus do estudo, tomaremos um grupo de jovens participantes do Programa de Iniciação à Produção cultural, do Museu da Vida Fiocruz, em razão de ser uma iniciativa que tem o território como foco de suas ações. O procedimento metodológico para o desenvolvimento da pesquisa será um grupo focal de 13 alunos (referente à quantidade de turmas criadas no Programa desde a sua criação), mirando a finalidade de compreender o reconhecimento ou o não reconhecimento desses jovens como produtores de cultura antes e depois do envolvimento no Programa. Queremos conhecer os questionamentos do grupo com respeito à presença ou ausência de “cultura” no território e em que medida entendem os desafios de acesso à cultura em geral, se era entendido como algo “inacessível” e se, após a experiência no Pro cultural, houve reformulação das ideias ou apresentam outros questionamentos com respeito a esse tema.

O termo memória aqui está associado à memória vivencial, em que esses corpos jovens foram expostos durante sua vida e onde eles enxergam a cultura nesse percurso. No que diz respeito ao território, esse debate está inserido na pesquisa diante do fato de ser uma dimensão muito importante na vida de todos, em especial desses jovens, já que enfrentam, nesta etapa da vida, uma série de dilemas e desafios. Dentro dos objetivos desta proposta de pesquisa, queremos perceber de que modos a cultura influencia na concepção que possuem sobre território, antes e depois da participação no Programa. Parte-se da premissa de que a cultura integra e constitui o território e elabora memórias de pertencimento e identidades. Nesse sentido, a pesquisa defende que os jovens são agentes de cultura, entretanto, podem ter menor ou maior consciência disso, o que este estudo quer investigar. Em adendo, a pesquisa pretende evidenciar o ponto de vista do museu e demais equipamentos culturais como ativos importantes para a formação e conscientização sobre a produção e inserção dos corpos em práticas culturais, entendendo que as hierarquizações são

construções sociais que visam à manutenção de um sistema de dominação.

Referências

BIELLA, Andrea Alexandra do Amaral Silva; IAVELBERG, Rosa. Museu de arte e acesso à cultura: a quem é garantido o direito de efabular? **ReP**: USP, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/directbitstream/5d73abc2-abf5-45e4-b495-f17e40cd16b6/2020%--%Artigo%Revista%Uni>. Acesso em: 10 out. 2024.

Os impactos das operações policiais: o funcionamento do Museu da Vida Fiocruz

Matheus Batista de Sousa¹, Gabriel dos Santos Silva Manhães² e Isabela Gonçalves da Fonseca³

Orientadora: Ingra Daniela dos Santos Maciel⁴

O presente trabalho tem como objetivo investigar os impactos das operações policiais no funcionamento do Museu da Vida Fiocruz (MVF) por meio de relatos de experiências vividas pelos bolsistas do Centro de Recepção (CR) do Museu. Ao longo de 2024, diversos episódios de operações policiais afetaram o desenvolvimento das atividades do MVF, levando à paralisação de algumas e ao cancelamento de outras. Isso demanda uma reflexão sobre as medidas que o Museu pode adotar para garantir maior segurança e acolhimento a todos.

Considerando a importância do MVF para o território em que está inserido – como espaço educativo, cultural, de divulgação e popularização das ciências – e para as populações das favelas e periferias que atende, é crucial pensar em soluções eficazes para minimizar esses impactos, especialmente para os bolsistas que são diretamente afetados por essas situações.

O Museu da Vida Fiocruz recebe um público diversificado, composto por estudantes, pacientes e funcionários. O espaço ocupa uma área total de 35 mil m², que inclui as áreas expositivas, a sede administrativa, os jardins e a Reserva Técnica, setor responsável pela preservação do patrimônio do Museu.

O MVF está inserido no Complexo de Manguinhos, que é composto por 12 favelas e cerca de 36 mil moradores, além de 12 unidades da rede pública de educação (Centro de Criação de Imagem Popular, 2024). Como vizinho, tem o Complexo da Maré, que conta com 17 favelas, aproximadamente 130 mil moradores e 49 unidades da rede pública de educação.

O Centro de Recepção é o primeiro espaço de acolhimento e iniciação da experiência de educação museal para os visitantes do Museu da Vida Fiocruz. Tanto os visitantes agendados quanto os espontâneos são recebidos pelos bolsistas, que fornecem

¹ Estudante de Bacharelado em Geografia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação à Produção Cultural.

² Estudante de Bacharelado em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista PROPAT no Programa de Iniciação à Produção Cultural.

³ Doutor em Ciências Sociais; mestre em Educação; pedagogo.

⁴ Pedagoga; supervisora pedagógica do ProCultural.

informações sobre as atividades, exposições, agendamentos para grupos e eventos do Museu. Antes de acessarem os espaços expositivos, os visitantes participam de uma mediação que apresenta os esqueletos da orca, do boto e do golfinho, a maquete do MVF e o painel de Glauco Rodrigues. Além disso, os bolsistas acompanham os grupos agendados durante a circulação pelo campus da Fiocruz, em Manguinhos.

Promover acolhimento, fruição e bem-estar ao público são objetivos estratégicos do Museu da Vida Fiocruz (MVF) e do Núcleo de Desenvolvimento de Público (NDP). No entanto, na prática diária, muitas de nossas atividades são impactadas pelas questões de violência que ocorrem no território, comprometendo a experiência dos visitantes, que acabam se vendo envolvidos em situações de insegurança e medo dentro do campus. Muitos bolsistas já vivenciaram momentos em que tiveram que, de forma instintiva, se proteger e acalmar os visitantes.

Dessa forma, na semana de 11 a 14 de junho de 2024, registramos no Centro de Recepção 19 cancelamentos no Museu, sendo 15 devido à violência e 4 por desistências, de um total de 36 agendamentos. Nesse período, mais de 40 escolas ficaram fechadas no território, impactando a rotina de uma população de 140 mil pessoas.

O Museu da Vida Fiocruz é importante para o território do qual faz parte, assim como o trabalho realizado pelos bolsistas nos diversos espaços do MVF, e com ênfase ao Centro de Recepção. Os bolsistas do CR são responsáveis pelo deslocamento dos visitantes pelo campus, e essa função se torna um desafio durante as operações policiais nas comunidades nas quais a Fiocruz está inserida. Essas operações não apenas impedem que os moradores dessas comunidades visitem o Museu, mas também dificultam o deslocamento pelos espaços de visitação.

Até outubro de 2024, não havia um número exato divulgado publicamente sobre a quantidade total de operações policiais realizadas no Complexo de Manguinhos. Contudo, é relatado que várias operações ocorreram ao longo do ano, incluindo ações focadas em combater o tráfico de drogas e em demolições de construções ilegais. Isso nos mostra como a violência impacta tanto na vida dos moradores de comunidades quanto no funcionamento de espaços culturais, pois nem moradores do Complexo da Maré nesses espaços e nem esses espaços podem estar aptos para receber os visitantes.

Os efeitos da violência tornam-se perceptíveis quando crianças moradoras de territórios de favelas e periferias visitam o Museu. Frequentemente, elas questionam

quais os nomes das favelas que ficam no local em que o Museu da Vida Fiocruz está localizado e o que acontece se a comunidade for dominada por uma facção rival à qual pertencem, seja por meio do estudo ou trabalho. Alguns deles mencionam isso durante o acolhimento no Centro de Recepção (CR) e durante o deslocamento e utilizam termos como “alemão”. Isso evidencia que o Museu, consciente ou não, está inserido em um contexto social e territorial que convive com diversos problemas de segurança pública.

Nesse sentido, o Museu tenta atuar dentro da realidade em que está inserido como um difusor de conhecimento e cultura, buscando transmitir uma mensagem diferente daquela que os jovens dessas comunidades estão acostumados a receber: a mensagem da transformação por meio da educação, da democracia e dos direitos humanos. O artigo “Paulo Freire e a educação museal: dos vínculos históricos às ações para o esperar” afirma que, “durante o período da redemocratização, os museus se consolidaram como espaços de reconstrução da cidadania brasileira e de redescoberta dos valores culturais” (Castro et al., 2022). O artigo também cita o documento “A imaginação museal a serviço da cultura no Brasil”, do Conselho Federal de Museologia, que ressalta “o papel dos museus nos processos de democratização dos bens, da ação e da produção cultural” (castro et al., 2022).

Acreditamos que uma das medidas que deveria ser tomada pelo MVF em relação ao problema de segurança é a criação de um protocolo para situações de violência externa, como, por exemplo, tiroteios. Esse protocolo não está disponível nos Cadernos Museológicos do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram) sobre segurança nos museus, o que é preocupante. Se nem o Ibram se preocupa com a temática da prevenção de segurança – considerando que o Caderno está evidentemente voltado para museus que não enfrentam violência civil, como operações policiais –, cabe ao próprio Museu da Vida Fiocruz desenvolver seu protocolo, seja de forma física ou digital. Dessa forma, será mais fácil para educadores e visitantes saberem como proceder caso essa situação volte a ocorrer e quais protocolos deverão ser seguidos pelos bolsistas e educadores, viabilizando uma maior segurança para todos.

Acreditamos que, em breve, essas situações melhorarão e que todos terão direito ao acesso a todos os tipos de educação, tanto formal quanto museal. Visto que

um museu é um local de descobertas e aprendizados que despertam a curiosidade de crianças, jovens e idosos por diversos temas, o acesso ao Museu se faz necessário, principalmente para moradores de regiões negligenciadas pelo poder público. Somente por meio de programas educativos, como os realizados no Museu da Vida Fiocruz, podemos viabilizar o acesso à cultura e à arte para os moradores dessas áreas. Isso se tornará mais viável após a implementação das medidas propostas neste trabalho, pois elas garantirão melhor acolhimento e maior segurança para todos na instituição.

Referências

CASTRO, Fernanda et al. **Paulo Freire e a educação museal**: dos vínculos históricos às ações para o esperar. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2022.

COMPLEXO da Maré. In: WIKIFAVELAS. **Complexo da Maré**. Rio de Janeiro: ICICT, 3 out. 2023. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Complexo_da_Mar%C3%A9. Acesso em: 21 out. 2024.

FAVELA de Manguinhos. In: WIKIFAVELAS. Rio de Janeiro: ICICT, 24 set. 2024. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Favela_de_Manguinhos. Acesso em: 21 out. 2024.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Plano museológico Museu da Vida Fiocruz**: 2022-2026. Rio de Janeiro: Fiocruz/COC, 2023.

MAIS de 40 escolas ficam sem funcionar na Maré; policiamento é reforçado pelo terceiro dia seguido. **G1**, Rio de Janeiro, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/06/14/escolas-sem-funcionar-mare-policimento-reforcado.ghtml>. Acesso em: 21 out. 2024.

ONO, Rosaria; MOREIRA, Kátia Beatriz. **Segurança em museus**. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2011. 166 p. (Cadernos Museológicos, v. 1)

REDES DA MARÉ. 37ª operação policial em 2024 no Conjunto de Favelas da Maré deixa três mortos e muitas violações de direitos. **Redes da Maré**, 14 jun. 2024. Disponível em: <https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/344/37a-operacao-policial-em-2024-no-conjunto-de-favelas-da-mare-deixa-tres-mortos-e-muitas-violacoes-de-direitos>. Acesso em: 21 out. 2024.

Castelo Mourisco e contação de histórias: abordando o conceito de patrimônio e ciências através do imaginário infantil no universo da literatura

Ana Clara Martins Müller Guedes¹, Maria Alana Alves Rodrigues² e Maria Fernanda da Cruz Costa³

Orientadora: Suzi Santos de Aguiar⁴

Esta proposta de pesquisa consiste em um aprofundamento na multidimensionalidade das atividades de contação de histórias promovidas no Museu da Vida Fiocruz. Essas atividades fundamentam-se em uma ferramenta de mediação utilizada pelo Museu para aproximar o público infantojuvenil e a história da instituição, assim como os grandes nomes que passaram por ali e suas contribuições para a história da ciência. Durante a realização da contação de história como atividade de mediação, podem ser utilizados dois livros produzidos pelo museu como metodologia lúdica para se aproximar do público infantil: Oswaldo Cruz e seu Castelo ou Nos Trilhos da Ciência, que contam, respectivamente, a trajetória de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas.

O desenvolvimento do projeto tem sua importância na área da divulgação científica pois busca compreender as diferentes relações que uma atividade lúdica e interativa realizada no Castelo pode provocar nas crianças e, ainda, o impacto dessa ação em um museu de divulgação científica, o Museu da Vida Fiocruz. Além disso, é de extrema importância que compreendam conceitos históricos relacionados ao espaço, como patrimônio, ciência e memória, que são constantemente discutidos nas visitas realizadas no Conjunto Histórico do Museu.

A partir da leitura sociológica que estabelece relações importantes entre o imaginário social e a literatura produzida pelo meio, a análise pode ser realizada sobre a investigação de como a divulgação científica pode ser realizada com a atividade de contação de história (literatura) e de criação de desenho pelo público infantil. Além disso, quer refletir como a popularização da ciência proposta no Museu da Vida Fiocruz está contribuindo para a formação de uma narrativa cultural comum sobre a ciência no Brasil.

¹ Estudante de Graduação em Ciências Biológicas na Universidade São José (USJ); bolsista do Programa de Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) atuante no Conjunto Histórico.

² Estudante de Graduação em História na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); bolsista do Programa de Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) atuante no Conjunto Histórico.

³ Estudante de Graduação em Museologia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO); bolsista do Programa de Divulgação e Popularização da Ciência (Propop) atuante no Conjunto Histórico.

⁴ Mestra em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde; pedagoga e historiadora. Atua no Serviço de Educação do Museu da Vida Fiocruz.

Ao propor que, após a contação de histórias, seja realizada a atividade “Crie seu desenho”, buscamos observar e analisar o entendimento do público infantil sobre os temas ciência, saúde, patrimônio e a representação da figura do cientista. Além disso, outro objetivo seria destrinchar, a partir dessa proposta de experiência, a relação que há entre a literatura e a sociedade. Baseada, principalmente, num conceito de cultura a partir da antropologia semiótica⁵, é mister compreender, por meio dos desenhos realizados pelas crianças, a relação entre ciência e saúde. Isto é, há, inevitavelmente, padrões de representação histórica e literária acerca dos temas patrimônio, ciência e saúde, que serão destacados pelo público no decorrer da atividade. Mas os desvios desse modelo podem, também, indicar aspectos interessantes e atualizar o imaginário social a respeito do tema, uma vez que, ao mesmo tempo que essas narrativas literárias constituem parte da identidade dessas crianças, esses sujeitos em formação também modelam seus ambientes e geram demandas diferentes ao terem contato com esse tipo de experiência, porque a cultura é pública no sentido de ser construída no decorrer das relações sociais.

Ao longo do tempo, os museus têm desempenhado um importante papel como espaços educativos, fazendo com que atividades direcionadas ao público, juntamente com ações educativas, ganhem mais visibilidade e espaço. Dentro desse contexto, surge a educação patrimonial, com o intuito de ser um projeto educativo que possui como foco o patrimônio cultural, utilizado como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas formas, com a finalidade de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação.

Atualmente, o Museu da Vida Fiocruz conta com duas atividades voltadas ao público infantil: o “Avental de História” e a “Maleta de Carlos Chagas”, ambas contando a trajetória de importantes cientistas para o Castelo Mourisco: Oswaldo Cruz e Carlos Chagas. Por meio das histórias, pode-se criar uma ponte entre a imaginação e o aprendizado, pois cada história possui uma mensagem específica, contribuindo com diversos aspectos da formação das crianças, por exemplo, a atenção, a criatividade, o senso crítico e o raciocínio.⁶

⁵Ver GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. cap. 1, p. 15-54.

⁶Segundo Abramovich (1995, p. 17), “contar histórias é a mais antiga das artes. Nos velhos tempos, o povo assentava ao redor do fogo para esquentar, alegrar, conversar, contar casos. Pessoas que vinham de longe de suas Pátrias contavam repetiam histórias para guardar suas tradições e sua língua”. As histórias se incorporam à nossa cultura. Ganham as nossas

A pesquisa compreenderá duas fases. A primeira, substancialmente qualitativa, que será executada com quatro grupos escolares – dois da rede privada de ensino e dois da rede pública de ensino –, abarca a faixa etária de cinco a dez anos. Nela, após a contação de história, será pedido que a criança externalize, por meio de desenhos, os conceitos abordados no decorrer na conversa, como cientista, saúde, patrimônio etc. a partir de perguntas disparadoras para que as crianças reflitam sobre tais palavras. A análise será pautada na abordagem pedagógica construtivista, na abordagem histórica e de divulgação científica. Na segunda fase, que não será discutida no presente trabalho, será construída uma proposta de inclusão dessa experiência no roteiro atual do Castelo, além do relato de experiência, com o intuito de desenvolver essa atividade reflexiva continuamente, para que os mediadores possam dinamizar a visita mediada com a faixa etária apontada acima.

Ao adotar essa dinâmica, esperamos que o público infantil consiga não somente compreender a história dos cientistas Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, mas também desmistificar o papel do cientista junto à sociedade e ressaltar a importância de outros temas, como patrimônio, ciência e saúde. Logo, é de extrema importância que a atividade “Crie seu desenho” seja incorporada ao roteiro após a contação de história na visita ao Castelo com o público infantil, possibilitando a esse público expressar de forma lúdica e comunicativa suas impressões, complementando assuntos e expressões que foram apresentados durante a história. Nesse sentido, as ações educativas em espaços museais podem contribuir para a divulgação científica, para que a democratização do acesso aos museus seja cada vez maior, fazendo com que as gerações futuras compreendam a importância de ações educativas em espaços museais que visam à comunicação universal, ou seja, que abarque todos os públicos visitantes. Além disso, essa prática demonstra o caráter autorreflexivo da educação museal e como esse elemento pode ser colocado em prática junto com o público.

casas através da doce voz materna, das velhas babás, dos livros coloridos, para encantamento da criança. E os pedagogos, sempre à procura de técnicas e processos adequados à educação das crianças, descobriram esta “mina de ouro”, as histórias.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosura e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2006.

AGUIAR, Suzi Santos. **“Ver de Perto”**: a contribuição de uma atividade lúdica e interativa do Museu da Vida para despertar o interesse de crianças pela ciência. 2018. 154 f. Dissertação (Mestrado em Divulgação da Ciência, Tecnologia e Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2018.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1989. cap. 1, p. 15-54.